

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS- LICENCIATURA

THYAGO COSTA MEDEIROS

ENTRE JARDINS E RIOS: UM OLHAR POÉTICO SOBRE A FORMAÇÃO
SENSÍVEL E ESTÉTICA DOS ARTISTAS PROFESSORES CATARINENSES E A
POÉTICA NATURAL DE SUAS PRODUÇÕES

CRICIÚMA

2024

THYAGO COSTA MEDEIROS

ENTRE JARDINS E RIOS: UM OLHAR POÉTICO SOBRE A FORMAÇÃO
SENSÍVEL E ESTÉTICA DOS ARTISTAS PROFESSORES CATARINENSES E A
POÉTICA NATURAL DE SUAS PRODUÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélio Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2024

THYAGO COSTA MEDEIROS

**ENTRE JARDINS E RIOS: UM OLHAR POÉTICO SOBRE A FORMAÇÃO
SENSÍVEL E ESTÉTICA DOS ARTISTAS PROFESSORES CATARINENSES E A
POÉTICA NATURAL DE SUAS PRODUÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação.

Criciúma, 29 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC) -
Orientadora

Prof. Gabriel Valga Ricardo - Mestre - (UNESC)

Prof. Marcelo Feldhaus - Doutor - (UFSC)

Dedico este, a aqueles que buscam rever o mundo com seus próprios olhos. Olhares de potência.

AGRADECIMENTOS

À minha família, raízes firmes e constantes
Com o coração aberto, como quem vê o infinito.
Que me ensinaram a olhar o mundo com olhos de abundância,

Aos meus amigos, que ficaram ao meu lado,
Dividindo risos e inquietações,
Ju, Lara, Kamila, Hilda
Com gestos simples, palavras sinceras,
Transformaram a caminhada em poesia viva,
E me mostraram que o afeto e a curiosidade
São combustíveis para a criação.

A Aurélia, minha orientadora,
Com sensibilidade e rigor,
Com seu olhar atento
como vento que traz consigo seu percurso,
Fez deste trabalho um campo fecundo de aprendizados.

Aos artistas que com suas histórias fizeram parte deste
caminho,
Hilda e Leandro, cujas produções se tornaram brisa,
Soprando novas ideias, novas perspectivas,
Como um vento que revigora a alma da pesquisa.

Aos professores, que instigaram
Curiosidade passarinho em mente crianceira.

Ao querido Manoel de Barros,
Companheiro de escrita, mestre silencioso,
Cuja poesia foi semente plantada em solo fértil,
Tornando-se presença constante,
Com sua arte, a terra que alimenta minha formação.

A cada ser que em forma de gesto, presença e palavra,
obrigado com o coração pleno,
Porque neste processo, todos são parte de uma obra coletiva,
Como a natureza, que se renova e se expande,
Com cada vento, cada semente, cada gesto de cuidado.

Agradeço ao ser crianceiro que ainda vive
Aquele com curiosidade passarinho,
com olhar de ver formiga,
que sente o mundo
que vê o vento,
aquele este
que
tem vontade de um dia virar árvore.

Natureza é fonte primordial?

Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; e lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradedza total dos reatores.

Então eu apodreço para a poesia.

Manoel de Barros

RESUMO

Nesta pesquisa, caminho pela sutileza dos encontros entre arte e natureza, em busca daquele fio sensível que tece o olhar do artista contemporâneo catarinense. A paisagem não é apenas cenário, mas matéria e espírito, um espaço onde o visível e o invisível dançam juntos, convidando o artista a criar com os elementos da terra. Guiado pelas reflexões de Katia Canton, Michel Ribon, Fernando Cocchiarale e Manoel de Barros, desvendo as nuances do fazer artístico e do sentir poético, enquanto ouço, por meio de entrevistas e cartas, as vozes de Hilda Maziero e Leandro Jung, que revelam um caminho de matéria e alma, onde a docência pulsa como extensão da arte. Com base nesse percurso cartográfico, exploro o problema central: **Qual o lugar da natureza na produção artística contemporânea e sua relação com a formação sensível e estética dos artistas professores?** Como objetivo, investigo o lugar da natureza na formação sensível e estética desses artistas, discutindo o que é a natureza neste contexto, compreendendo essa formação na arte e na educação, analisando os seres artistas dentro e fora de seus jardins, e apresentando a arte contemporânea e suas implicações como uma prática de reencontro com o essencial.

Palavras-chave: Arte; Natureza; Formação Sensível; Formação Estética; Educação; Poética; Materialidade.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1-	Trópico E. Uniflora	11
Imagem 2-	Leda Catunda, A floresta	28
Imagem 3-	Hilda Maziero, Dever Descalço	49
Imagem 4-	Leandro Jung, Águas que não movem moinhos	57
Imagem 5-	Leandro Jung, Águas que não movem moinhos	58
Imagem 6-	Leandro Jung, Águas que não movem moinhos	58

SUMÁRIO

1	VOADURA DE MENINO POETA.....	10
1.1	TRILHANDO A PESQUISA.....	17
2	CAPÍTULO 1 RETRATO DA NATUREZA.....	20
2.1	ARRANJOS DO CONTEMPORÂNEO.....	22
2.2	JARDIM DE DENTRO E FORA.....	30
2.3	GRAMÁTICA DAS MÃOS COM A TERRA.....	32
2.4	DE POESIAS CONTADAS AO GESTO MATERIAL.....	35
2.5	EU POÉTICO.....	38
2.6	DESLOCAMENTOS DO SENSÍVEL E DO ESTÉTICO.....	40
3	SERES DE JARDIM.....	44
3.1	HILDA MAZIERO.....	46
3.2	LEANDRO JUNG.....	55
4.	PROJETO DE CURSO.....	66
5.	O QUE O VENTO TROUXE.....	70
6.	REFERÊNCIAS.....	74
7.	ANEXOS: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO.....	76
8.	APÊNDICES: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	79

1- VOADURA DE MENINO POETA

*Nas ruas do vento
 brincavam os passarinhos
 perto de meu quarto
 junto do pomar
 [...]
 Ah, seu passarinho espora,
 você vai ser meu chapa, será?
 Minha tarde um pouco ficou
 parada de eu espiar suas artes...¹*

Observei os passarinhos. Para onde estavam indo? Onde paravam? Por que paravam? Suas coreografias no céu criavam paisagens dignas de passarinho. Sozinhos ou em bandos pousaram em todas as árvores do meu jardim, mas pensei: de onde vieram? Pois quando vi já estavam lá, ou ali. Pensando neles voltei para mim. Já criei por aí, em casa, na universidade, na rua, em todo canto, mas de onde essa ideia de criação veio? Em um semestre de aula de laboratório de pintura, tive como objetivo a liberdade passarinho de experimentar, criar, testar, errar, acertar... tudo isso para compreender o processo de criação de minha arte. Como dizia Manoel de Barros (1998, p 350), "Não sei de tudo quase sempre quanto nunca. Experimento o gozo de criar". Foi nesta coreografia de criar como passarinho que compreendi que minhas ideias e inspirações vêm de um lugar em comum, o mundo natural.

¹ (Manoel de Barros, *Compêndio para uso dos pássaros*, 1960. (In *Poesia Completa*, 2010. p.98)

Imagem 1 - Trópico E. Uniflora



(Fonte: Thyago Saturno, 2024)

Da pitangueira criei e da caixa ela nasceu. Trópico E. Uniflora. (Imagem 1) É árvore que surge de uma caixa recoberta de

mudanças. Esta obra é uma escultura que une diferentes materiais e formas de produzir arte. A poesia citada abaixo acompanha as flores de papel, como fruto. O texto discorre sobre meu processo de criação, que se dá em natureza, tanto no suporte que utilizei - galhos secos de uma pitangueira - quanto na poética presente na poesia e o meu entendimento sobre ele.

De uma simples caixa de papelão vi a possibilidade de criar. Esta caixa me lembrou mudança, marquei esta mudança na caixa como em minha vida, com giz pastel. Eu árvore possuo raízes, que agora se movem por aí como uma caixa é transportada. Vou com o ar, soprando e sentindo o aroma de suas flores em pleno agosto. A pitangueira está florida. Com flores de algo já criado. Sob as luzes, minhas raízes se fixam, não em vão, em ação, meus galhos me fazem lembrar do meu passado. E neles há marcas de um futuro iminente. Ainda bem que o florir e o desflorir é um processo belo de se presenciar. Eu árvore, ainda vejo vida em pele florida. Meu processo com ela foi incrível e o resultado gratificante.

O-ENCONTREI²

Tentei pensar em algo não explorado ainda por mim
 Mas já havia experimentado de muitos
 Pensei
 Relutei
 Fui
 Ao olhar pra mim o-encontrei
 Meu processo se dá em natureza
 Suporte e poética
 Sensibilidade constante ao produzir esta relação
 Que neste é
 Terra e ar
 Me desafiei em explorar diferente materiais,
 Não trabalhados de formas isoladas
 Mas em conjunto poético

² Ao longo deste texto, o leitor encontrará poesias de autoria própria, inseridas como parte do percurso poético e reflexivo da pesquisa. As poesias de outros autores, quando mencionadas, serão devidamente referenciadas de acordo com as normas acadêmicas.

De uma natureza interna
 Que tenta externalizar seu eu
 Foi feita em diferentes tempos
 Em diferentes lugares
 Viajou por diferentes trópicos
 Eugenia Uniflora
 É minha
 Mas também de quem a vê
 Seja por luz ou sombra

Esta busca por entender a relação entre minhas produções agora é como o balançar das folhas das árvores em vento calmo. Está fluindo, me movendo, balançando, desmembrando o necessário como as folhas ao solo. Crescendo em direção ao sol, me penso árvore, desde raízes até a mais alta folha da copa. Me conecto com o meio natural, este que é um coletivo, de folhas, grãos, frutos, galhos, flores, cores, texturas... esta que é a natureza *naturante*³ como afirma Ribon (1991, p. 46) é o impulso indiviso, a causalidade produtora imanente que pertence à obra na formação, desenvolvimento e características dos seres; a natureza naturada é o conjunto de seres produzidos pelas operações criadoras da natureza naturante, esta que se firma na arte antes mesmo dos outros estudos e outras ciências, pois assim ela aparecerá, sendo como uma *poieisis*⁴, um ser poético da natureza, que está em todo lugar e em todas as coisas como o ar que respiramos e que oscila até nas mais pequenas folhas de uma árvore, a natureza apodera-se do ser, e surge em imagens e consciência, ela produz e reintrega a si mesma, no artista contemporâneo.

Passarinho de cá
 Me chamou para lá
 Para ver o mundo com os olhos de quem cisca

³ Natureza naturante: Expressão que surge no século XII com as traduções latinas dos textos de Aristóteles

⁴ poiesis: um poder criador

o chão para comer semente
 Bati as asas e segui o vento até a árvore mais alta
 Ele me disse:
 -Essa, uma árvore, aquela, outra, fruto dessa será doce,
 daquela outra, será azedo.
 Esse pássaro que voa de árvore em árvore
 Conhece o fruto de cada uma delas
 Ninguém contou para ele os sabores dos frutos

Como professor em formação me vejo passarinho curioso. Em minhas falas a arte está em constante movimento aos ouvidos de meus alunos, vejo necessidade em investigar os diferentes sabores de frutos nas mais diversas árvores, para que cada vez mais eu possa dar o sopro de partida, para que meus alunos tenham também a curiosidade de viajar pelos jardins da arte. A educação não se dá apenas em folha e papel, se dá em folha de árvore e papel de interpretar passarinho e alçar voo. Esta pesquisa me nutre para agregar meu repertório como artista professor.

Neste lugar de artista pesquisador me surge uma questão de curiosidade criança. **Qual o lugar da natureza na produção artística contemporânea e sua relação com a formação sensível e estética dos artistas professores?** Acredito que cada artista tem um modo de criar e produzir, alguns como passarinho, indo para lá e para cá, explorando o mundo ao seu redor. Outros até mesmo como abelha, voando de jardim a jardim, polinizando por aí e captando tudo que há de bom nas flores e frutos. Então como minhoca parto desta raiz problema, e logo me deparo com seu alto tronco. Nele, há algumas questões que me darão um norte para chegar até a grande copa. **O que é a natureza neste contexto?** Já andei por aí e nunca achei um final nesta imensidão natural, mas sinto que devo descrever ela como minha musa inspiradora. **O que é a formação sensível e estética?** Como as rochas formam montanhas, estes pontos formam o artista, o permeiam e fazem-no

ser sensível mundo afora, descobrindo e colorindo, até a estética das flores do jardim. **Qual a relação desta formação estética e sensível com a educação?** A sensibilidade é o meio, entre a flor e nariz curioso pelo cheiro, basta ver com olhos de curiosidade, pois aprender está nos jardins, salas de aula, museus, campos, por todo lugar há a possibilidade, basta ver mais de perto.

Nesta imensidão natural, há muitos artistas contemporâneos. **Mas qual vou investigar com a curiosidade criança?** Terei de subir este tronco para ver melhor os diferentes jardins e perceber quais seres artistas que farão parte da grande copa. **Penso em muita arte, estas, aquelas, cada uma com sua singularidade, o comum até então entre elas é a arte contemporânea, mas o que isso quer dizer?** Todas juntas, mas diferentes, o contemporâneo parece tão vasto quanto o grande mar, mas pelo jeito terei de ser peixe para explorar essa imensidão. Meu objetivo é chegar na grande copa e **investigar qual o lugar da natureza na formação sensível e estética dos artistas professores,** com isso vou enfim **discutir o que é a natureza neste contexto, compreender a formação sensível e estética dos sujeitos na arte e na educação, analisar os seres artistas dentro e fora do seu jardim e apresentar a arte contemporânea e suas implicações.**

Manoel de Barros me convida a olhar o mundo com olhos de encantamento e simplicidade. Ele vê poesia em cada fragmento do mundo natural, transformando aquilo que se passava à toa em frente aos meus olhos em beleza, o ordinário em extraordinário. Ele me lembrou que a verdadeira arte pode estar em ver o universo que pode haver em um simples galho seco de pitangueira, em ouvir a melodia do vento nas árvores e sentir a textura da terra sob os pés. Minha escrita se dará com relação às poesias de Barros e o que eu compreendo sobre elas, unindo com minhas produções, tendo um sentido mais poético, utilizando metáforas e jogos de palavras, relacionando com o tema mundo natural. Ao citar poesias

do autor centralizo-as na página, em itálico, com fonte tamanho 11, logo sua indicação coloco na nota de rodapé.

As árvores não vivem sós, artistas contemporâneos não estão sós, mas é tudo tão vasto, há tantas conexões, como as árvores e seus abraços pelas raízes que podem salvar umas às outras. Eu árvore tenho minhas raízes, as conheço e surge em mim essa curiosidade criança de saber se outros artistas também são árvores, e se produzem como eu. Mas são tantos artistas espalhados por aí, deve ter sido o vento, e é com este vento que irei me aventurar e buscar respostas para as minhas inquietações.

A pesquisa se desdobra em capítulos como pétalas de uma flor, cada um revelando uma faceta da relação entre arte e natureza. No primeiro capítulo, intitulado **Retrato da Natureza**, mergulho nas conexões poéticas que brotam entre esses dois mundos. Ali, exploro a essência da natureza e suas nuances, desvelando um subcapítulo sobre os **Arranjos do Contemporâneo**, onde trago à luz proposições e reflexões sobre a arte contemporânea, no subcapítulo seguinte, abordo o interior e o exterior das coisas, este diálogo entre o IN e o EX, **Jardim de Dentro e de Fora** este intitulado. No segmento, **Gramática das Mãos com a Terra** sobre *Land Art*, apresento o conceito e suas interações, revelando como a terra se transforma em tela e matéria. Em **De Poesias Contadas ao Gesto Material**, compartilho meus pensamentos sobre o que é poético e como essa essência se entrelaça com o material que, por vezes, habita o exterior. No espaço reservado ao **Eu Poético**, deixo fluir minha experiência individual como artista professor, através de uma descrição de uma de minhas produções. A seguir, no subcapítulo **Deslocamentos do Sensível e do Estético** que discuto a *Formação do Sensível e do Estético*, traço um panorama sobre as potências que emergem da união entre sensibilidade e estética nas artes e na natureza. No segundo capítulo, intitulado **Seres de Jardim**, destaco **Hilda Maziero** e **Leandro Jung**, explorando suas trajetórias por meio de

entrevistas e cartas que revelam os processos criativos que habitam suas obras e suas aulas.

No terceiro capítulo, apresento meu **Projeto de Curso**, um reflexo das ideias cultivadas ao longo dessa jornada. Encerrando minha pesquisa, compartilho **O que o Vento Trouxe**, seguidas de um compêndio de **Referências** que sustentam esse trabalho na intersecção entre arte e natureza.

1. 1 TRILHANDO A PESQUISA

*Tudo que os livros me ensinassem
os espinheiros já me ensinaram
Tudo que nos livros
eu aprendesse
nas fontes eu aprendera.
O saber não vem das fontes?⁵*

De jornadas, neste mundo que é tão vasto, o pensamento se dá por muitas vezes, em experiências. De toque que revelam texturas e temperaturas. De olhar silhuetas montanhosas e perceber o mundo sinuoso. De cheirar, a roseira com cheiro de hortelã. De ouvir o bater de asas do pequeno colibri que vai até a fonte buscar água doce. Ele. Bateu asas por diferentes jardins, até encontrar a água mais doce já sentida. Ele voou. Pousou. Decidiu. Não se conteve com a primeira fonte vista por ele. Pesquisou e explorou fonte após fonte. Viveu pelo ar procurando água. Seu saber se deu com e nas experiências e experiências.

Como uma jornada orgânica, a pesquisa em arte brota de um processo criativo, que cresce e se transforma. Como a natureza

⁵ Manoel de Barros, Livros infantis, Cantigas por um passarinho à toa, 2003. (In Poesia Completa, 2010. p.482)

que se renova a cada estação. Para Zamboni (2012), a pesquisa em arte se torna mais do que um ato de investigação, a sua prática está em constante movimento de experimentação. Percebendo o desgaste natural no erro e na força da repetição.

Tanto a arte como a ciência acabam sempre por assumir um certo caráter didático na nossa compreensão de mundo, embora o façam de modo diverso: a arte não contradiz a ciência, todavia nos faz entender certos aspectos que a ciência não consegue fazer. (Zamboni, 2012, p. 20)

Na visão do autor, o artista está em um ciclo de descobertas, onde o mesmo é criador e criatura. Moldado pelo tempo e pelo ambiente, ao mesmo tempo, enquanto molda, com suas mãos e ideias, o mundo à sua volta. Como o pássaro que molda seu ninho e a copa que se tornara lar.

Minha pesquisa se insere na linha de pesquisa Processos, Poéticas e Educação do Curso de Artes Visuais Licenciatura UNESC⁶, que compreende investigações que abordam "Criação, fazer e linguagens no campo da educação. Estudo dos elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais." (UNESC, 2021). A natureza dela é básica, pois objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Básica, em vista da imensidão natural mundo afora, pois tenho o desejo e a curiosidade criança de entender,

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:

Elas desejam ser olhadas de azul-

Que nem uma criança que você olha de ave.⁷

A metodologia deste trabalho está embasada em uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, focando nas relações

⁶ Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, do curso de Artes Visuais - Licenciatura. 1/2024. Visualização: https://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/25137.pdf?1729712472

⁷ Manoel de Barros, O livro das ignoranças, 1º parte- Uma didática da invenção, 1993, (In Poesia Completa, 2010. p.302)

poéticas e sensíveis entre os artistas catarinenses contemporâneos Hilda Maziero e Leandro Jung e suas conexões com a natureza. A fundamentação teórica tem como referência autores como Katia Canton (2008, 2009), Michel Ribon (1991), Fernando Cocchiarale (2007) e Silvio Zamboni (2012), que orientaram a escolha dos artistas participantes e as reflexões sobre o tema.

O processo de coleta de dados se deu através de entrevistas com os artistas, estes que são também professores de arte, nas quais foram exploradas suas percepções sobre o processo artístico e as conexões com a natureza e a forma como essas relações influenciam suas produções e a atuação como professores. Essas conversas foram realizadas no ambiente de criação dos artistas, buscando compreender seus processos no local onde vivem e trabalham. Nesse contexto, o ato de "ver" ultrapassa a simples ação física de observar um objeto. Como aponta Zamboni (2012, p. 54), "o ver, em sentido mais amplo, requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado".

A partir das entrevistas, foi solicitada a produção de uma carta escrita pelos próprios artistas. Com caráter livre e pessoal, que teve como objetivo descrever como cada artista/professor percebe e expressa sua relação com a natureza e sua prática artística.

A análise do material produzido, entrevistas e cartas, foi conduzida com uma abordagem qualitativa, considerando que as questões tratadas são de caráter estético, poético e subjetivo, não sendo passíveis de quantificação. A pesquisa se caracteriza como descritiva ao abordar as percepções, análises e interpretações das falas e escritas dos artistas, e como exploratória ao buscar ampliar a sensibilidade sobre a temática, permitindo novas descobertas e reflexões a partir do contato direto com os artistas.

Além disso, a pesquisa combina uma revisão bibliográfica, fundamentada em materiais previamente publicados, como livros e artigos científicos, com uma pesquisa de campo, em que as entrevistas e observações foram realizadas diretamente nos espaços de criação dos artistas.

2 CAPÍTULO 1 RETRATO DA NATUREZA

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.*

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar como em Chagall.⁸

Tentei desenhar o vento. Risquei. Apaguei. Olhei. Pensei. Desenhei. Esfumei. Tracejei por todos os lados. Pinteí. Mesmo que sem ver. Não vi o vento. Mas ele estava ali. Tanto no meu desenho, quanto na janela. Percebi que representei algo que naquele momento eu não via. Ele que por vezes me assustara enquanto criança. Ele que está comigo há tanto tempo. Só vi depois que o descobri, como potência e ponto de sopro em dente-de-leão.

⁸ Manoel de Barros, Livro sobre nada, 4º parte- Os outros: o melhor de mim sou eles, 1996. (In Poesia Completa, 2010. p.349)

Tentando ver e sentir o vento, pensei na grande pluralidade de manifestações artísticas que tem mundo a fora, algumas repletas de significados, algumas nem pretendem ter significados, outras repletas de sentimento, memória e lembrança. Há arte de todo tipo. Mas e a arte contemporânea?

Katia Canton (2009) me lembra do sentido da arte quando diz que:

Para começar, podemos dizer que ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo. (Canton, 2009, p. 12)

Ela, a arte, que é um território de múltiplas vozes e atos, pensados ou não. Onde o tempo se alia com o humano para as experimentações. Reflete o mundo, mesmo estando em constante mutação. Tanto o mundo quanto ela. aLocal⁹ onde o artista transforma o que quiser em poesia. Poesia Visual. Poesia Sonora. Poesia tátil. Poesia Cênica. Desafiando as convicções e explorando o olhar. Individual e coletivo. Não busca respostas estagnadas em um único sentido denotativo. Ao mesmo tempo que abre caminhos, ela se torna caminho sensível, pensando e revendo, provando diálogos do IN e do EX. Íntimo e social. Real e irreal. Nosso processo de florada é tão valioso quanto o fruto em meio

⁹ **aLocal**: Utilizo este termo que crio com o objetivo de descrever a arte como um conceito que não está restrito a um "lugar" físico, mas que se manifesta tanto no campo material quanto no imaterial. A arte, como "aLocal", existe simultaneamente como um **lugar de produção**, de pensamento e de experiência sensível. Ela é o espaço onde o poético e o material se encontram, formando um território fluido, que não se define pelas fronteiras geográficas ou pelos suportes tangíveis, mas sim pelas trocas simbólicas, pelas camadas subjetivas e pela capacidade de expandir o pensamento. No conceito de "aLocal", o "a" representa a ausência de um lugar fixo, enquanto o "Local" sugere um ponto de ancoragem que pode ser ao mesmo tempo presente e ausente, físico e abstrato. É um território criativo que existe no **ato de fazer**, no **pensar**, no **sentir** e no **perceber**, sem se limitar ao espaço concreto onde a obra é produzida e exibida. O "aLocal" é o espaço onde o pensamento crítico, a imaginação poética e a materialidade sensível coexistem, criando uma dimensão de arte que é, ao mesmo tempo, **lugar e não-lugar**. Ele traduz a ideia de que a arte não se limita a um território determinado, mas se expande para incluir tanto o espaço físico da produção quanto o não físico da criação e reflexão artística.

à primavera quente, e o colibri é convidado a se perder e se reencontrar nas flores do seu próprio voo.

Questione suas colheres de chá. O que existe sob o seu papel de parede? Quantos gestos são necessários para compor um número de telefone? Por quê? (Perec, 1989, p.01). Essas perguntas, que parecem sussurrar ao cotidiano, nos convidam a enxergar o **infraordinário** - esse lugar onde o simples guarda o infinito. Entre o **IN** e o **EX**, a arte flutua como um suspiro que atravessa o íntimo e o exterior, ligando o imperceptível ao sublime. O "IN" desvela o que pulsa sob o papel de parede - o não visto, o escondido, o que revela nossa essência no detalhe. O "EX" ecoa nos gestos que compõem um número de telefone, no que se move para fora, ligando o dentro ao mundo, como pequenos rituais de contato.

Cada gesto, por menor que seja, é um traço sutil entre o que somos e o que oferecemos ao exterior, uma dança invisível que carrega o peso e a leveza da existência. E, nesse entrelaçar de IN e EX, o banal se torna poesia, onde até os gestos mais simples - uma colher de chá, uma mão ao discar - se transformam em um compasso que conecta o íntimo ao vasto.

2.1 ARRANJOS DO CONTEMPORÂNEO

*Para entrar em estado de árvore é preciso partir de
um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no
mês de agosto.*

*Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em
nossa boca.*

*Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato
sair na voz.*

*Hoje eu desenho o cheiro das árvores.*¹⁰

Me pego pensando nela, a arte contemporânea, por muitas vezes. Tenho para mim que ela não se limita a representar a natureza, mas a incorpora, fundindo-se com ela de maneira íntima como a utilidade de um galho para a lagarta criar seu casulo. O artista deixa de ser um mero espectador e se torna parte do próprio tecido, um fio que se entrelaça com as folhas, os rios e os ventos.

As criações de arte contemporânea buscam um diálogo, por vezes um grito em silêncio, uma forma de resistência e conscientização ecoando pelas paisagens e olhares a fora.

Arte não me faz ver o mundo com outros olhos. E sim, rever o mundo com os meus próprios olhos. Meus olhos que já foram criança, dança, andança, lambança, lembrança, livrança, mudança, comilança, semelhança, vizinhança, aventurança, papança, desventurança... Olhos são potência. A arte é potência. Não busco olhar a obra com olhar de deslembança.

Antes de enxergar, há um instante de suspensão, onde o olhar se perde entre o desejo de ver e a hesitação de compreender. É nesse intervalo que algo sutil emerge. Como um sopro. Que percorre o corpo, abrindo caminhos para uma percepção mais profunda. O que os olhos capturam é mais do que forma ou cor; é uma corrente silenciosa que ressoa como vento em fresta de janela entreaberta. Um sentir que antecede a imagem e se estende pelo corpo. Cada movimento do olhar não busca apenas ver, mas sentir o invisível em algo que ecoa nas veias e no ar ao redor. É nesse gesto, quase imperceptível, que a poesia do olhar se manifesta, tentando decifrar aquilo que nem sempre se revela de imediato.

Assim, com a sensibilidade afiada, busco enxergar além do óbvio, sentindo o momento com todo o meu corpo. O que compartilho

¹⁰ Manoel de Barros, *O Livro das Ignoranças*, IX, 1960. (In *Poesia Completa*, 2010. p.301)

a seguir é mais do que uma simples descrição; é a expressão da arte de ver e de sentir.

Eu olho não para o sentido de ser agradável aos olhos. Até porque meus olhos, depois de verem tudo o que já viram por aí, são difíceis de engolir. Meus olhos veem algo. A informação visual percorre meu corpo ao som do tum coracional. Por vezes arrepia meus cabelos. Por vezes não. Neste momento parto para a manobra de emergência. Retraio minhas pupilas a quase não enxergar nada, mas neste momento eu tento ver tudo. Respiro, ao ritmo do tum coracional. Inclino minha cabeça pensante para a direita, bem devagar. Em casos extremos. Inclino minha cabeça pensante para a esquerda, mais devagar ainda.

Posso não entender todo tipo de arte, mas percebo que a arte contemporânea nem sempre busca um entendimento, mas por vezes um sentimento, que toque, estimule, faça o apreciador sentir, seja o que for, que sinta algo. Como afirma Cocchiarale:

O que está em questão é a busca ansiosa pela explicação verbal de obras reais e concretas, como se sem a palavra fosse-nos impossível entendê-las, A explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco. O problema é que essas pessoas usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra. Como as pessoas têm medo de sentir, elas entendem, reduzem sua relação ao ato inteligível e, por isso, esperam pelo socorro do suposto farol da opinião daqueles que sabem: historiadores, filósofos, críticos, artistas, curadores...quando mal-feita uma visita guiada pode estimular esse tipo de coisas, a não ser quando o educador tem uma perspectiva menos formal e estimula o público a estabelecer suas próprias relações. (Cocchiarale, 2016. p. 14)

Arte que vira e busca além dela mesma, ela que somos nós, artistas e apreciadores da arte contemporânea, professores de Arte, esta que nos vira de ponta cabeça, faz-nos refletir de dentro para fora, buscando-a em nós, e de fora pra dentro, nos tocando. A arte se torna potência ao se enraizar em saberes

próprios e coletivos. Como artista e professor, busco relações em diversos âmbitos da arte com o mundo real, ousando dizer assim. Pois noto, e renoto, a fruição daqueles que a apreciam: meus alunos. Neles, busco instigar o mais puro passarinho curioso, para que revejam o mundo com seus próprios olhos. Trago para eles diferentes perspectivas de mundo e de arte, e que há uma pluralidade de saberes e vivências mundo afora, dentro e fora da sala de aula. O mundo se torna sala, e a sala se torna um mundo de experimentações.

Manoel de Barros diz que muita coisa pode-se fazer em favor da poesia. Penso a partir de suas palavras, que não são só em favor da poesia e sim da arte e natureza.

Muita coisa se poderia fazer em favor da poesia:

a - Esfregar pedras na paisagem

*b - Perder a inteligência das coisas para vê-las.
(Colhida em Rimbaud)*

c - Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se.

*d - Mesmo sem fome, comer as botas. O resto em
Carlitos.*

e - Perguntar distraído: - O que há de você na água?

*f - Não usar colarinho duro. A fala de furnas bre-
nhentas de Mário-pega-sapo era nua. Por isso as
crianças e as putas do jardim o entendiam.*

*g - Nos versos mais transparentes enfiar pregos sujos, teréns
de rua e de música, cisco de olho, moscas de pensão...*

h - Aprender a capinar com enxada cega.

*i - Nos dias de lazer, *compor um muro podre para
os Caramujos.*

*j - Deixar os substantivos passarem anos no esterco,
deitados de barriga, até que eles possam carrear
para o poema um gosto de chão - como cabelos
desfeitos no chão - ou como o bule de Braque -*

áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro - um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas.

I - Jogar pedrinhas nim moscas.¹¹

Mas onde a natureza habita na arte? Faço desse questionamento o ponto de partida para as inquietações que brotam em mim, como sementes que encontram solo fértil. No livro **Natureza, Olhar de Artista**, de Katia Canton (2008), a autora me faz percorrer por um passeio sensível através de diferentes épocas e estilos. Onde a natureza é mais do que plano de fundo. Em cada obra, ela se manifesta como o espelho de um mundo exterior, outras vezes como reflexo das paisagens interiores do artista.

A autora traz o exemplo de 20 obras, entre pinturas, esculturas e fotografia, que provocam um mergulho profundo nas camadas sensíveis e simbólicas do mundo natural. O livro percorre uma trajetória histórica e cultural, revelando como, em diferentes épocas, artistas usaram a natureza não apenas como inspiração, mas como uma linguagem própria. Ao longo de suas páginas, Canton me conduz a compreender que a natureza, para o artista, não é uma paisagem estática ou um mero objeto de contemplação, mas uma presença dinâmica que se entrelaça com a subjetividade, o tempo, e a matéria.

O livro se abre como uma janela para um mundo onde cada folha, cada pedra e cada rio sussurram histórias ainda não ditas. A natureza, nas mãos dos artistas, ganha voz. Esta que não se limita ao visível, mas que ecoa no sensível. Canton me leva a acompanhar os movimentos do pincel que não apenas retrata o vento, mas se torna vento, a tinta que não apenas ilustra o mar, mas nos mergulha em sua imensidão.

¹¹ Manoel de Barros, *Matéria de poesia*, 1970. (In *Poesia Completa*, 2010. p.148)

Há uma poesia que atravessa o texto, e é nela que reside, a meu ver, o entendimento de que a natureza é sempre um espelho da alma, um reflexo do inatingível que o artista tenta captar com suas mãos, seus olhos, seu corpo. Nesse processo, a arte se transforma em um **diálogo entre o ser humano e o ambiente**, uma troca onde ambos se moldam, se refletem, se desdobram. Ribon conversa com Canton quando diz: "Alain dizia que não esculpimos o que queremos, tanto é viva a impressão de que a natureza solicita ao artista para revelar o que ela esconde" (Ribon, 1991.p.113).

Os artistas, ao longo dos séculos, souberam encontrar nela, a natureza, uma espécie de espelho que devolve um reflexo não só do que está fora, mas do que vive dentro. Aquilo que se desdobra no tentar revelar o que está no IN. Nos galhos mais altos da nossa percepção e imaginação. O livro, assim, se torna também uma metáfora da própria arte. Sempre em busca de novas formas de olhar, de novas maneiras de ver o que, à primeira vista, parece comum, mas que, no fundo, é extraordinário.

Assim como um marinheiro que observa as marés subirem e descerem. Cada mudança revela novas formas de vida nas rochas e na areia. O artista também busca essas nuances ocultas que se tornam visíveis sob diferentes ângulos. A maré, que pode parecer um fenômeno comum, abriga um mundo vibrante de possibilidades. As conchas que aparecem. Peixes surgem. Cardumes contornam as ondas. Criaturas que emergem. Formas que se transformam com o movimento da água.

Imagem 2- Leda Catunda, A floresta, 1987, acrílica sobre tecido, Coleção particular



Fonte: http://www.ledacatunda.com.br/portu/comercio.asp?flg_Lingua=1&cod_Artista=90&cod_Serie=5

Canton mostra que a arte é um convite a olhar a natureza de forma renovada, e que essa conexão entre o ser humano e o ambiente é um laço visceral, onde o que é visto pelos olhos se converte em poesia pela mão do artista. Como o colibri que se perde e se encontra em meio às flores, o artista se move entre o que é íntimo e o que é externo. Sobre a obra de Leda Catunda a autora diz:

É preciso um mundo onde a floresta seja preservada com suas riquezas, suas belezas, suas particularidades. Uma floresta nunca é igual a outra... Cada artista cria a sua própria. Façamos da vida a nossa grande arte - retocar o que é belo demais para deixar de existir. (Canton, 2008, p.37)

Assim como Catunda¹² nos convida a mergulhar na singularidade de cada floresta, busco refletir sobre como a natureza se desdobra de maneira única em cada obra artística. Como se revela. Como sua diversidade permeia nosso entorno. A visão de que cada artista cria sua própria floresta evoca a possibilidade de, por meio da expressão artística, reimaginar e reinventar o mundo natural, iluminando suas belezas e suas fragilidades com um olhar atento e sensível. É um convite a coreografar com as nuances da existência, a celebrar o que é efêmero e a enaltecer a essência do que nos rodeia, transformando cada criação em um sussurro poético da natureza que nos habita.

Neste sentido, a arte torna-se um meio de retocar e valorizar aquilo que é belo, algo que se alinha à proposta de preservar e celebrar a natureza. Assim, ao explorar as vozes de artistas contemporâneos que dialogam com o natural em suas produções, meu trabalho busca reforçar a importância de proteger e valorizar as particularidades que cada ambiente nos oferece, transformando nossa vivência e nossa sensibilidade. Essa conexão não apenas enriquece nossa compreensão do mundo, mas também nos inspira a agir em prol da preservação do que é belo e único em nosso planeta.

A relação entre arte e natureza, ousa dizer, que será eterna enquanto existir o natural. Na contemporaneidade, essa conexão ganha novas nuances, tecendo uma tapeçaria rica e complexa de significados e emoções. Os artistas contemporâneos encontram na

¹² Leda Catunda nasceu e atualmente vive em São Paulo, Brasil. Sua participação em *Como Vai Você? Geração 80*, mostra coletiva da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, em 1984, estabeleceu Catunda enquanto pivô na arte contemporânea brasileira e deu início a uma revitalização da pintura. Participou de quatro Bienais de São Paulo (1983, 1985, 1994 e 2018). Retrospectivas e levantamentos de sua obra também foram realizados na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2009); Museu Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro e Museu de Arte Moderna (MAM Rio), Rio de Janeiro (2014); Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2016); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), São Paulo (2019), e Museu de Arte Latino-Americano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires (2021). Em 2023, fará uma exposição individual no ICA Milano, Itália. A Catunda é representada pela galeria Bortolami em Nova Iorque, Estados Unidos e pela Fortes D'Aloia & Gabriel em São Paulo, Brasil.

natureza não apenas uma musa para apreciar, mas uma companheira de jornada, uma fonte de inspiração e reflexão.

Em meu voo de pássaro sempre me peguei observando o agora. Os jardins. Florestas. Ruas. Mas Ribon (1991) me evocou a perceber uma relação entre arte e natureza que está intrínseca há muito tempo nos templos gregos. Para ser mais específico, nas ruínas. Que por momentos esquecemos de sua totalidade. A ruína, que para muitos pode parecer fim, é na verdade um renascimento da matéria. A forma se desfaz, mas o material que a originou, o **IN** que integra ali, persiste. Assim, a natureza nos lembra que ela, em sua imensidão silenciosa, não só circunda e penetra o que criamos, mas também se entrelaça com nossa própria criação, como um fio invisível que nos conecta. Pensava somente que os templos eram a representação dos deuses mitológicos e suas ligações, mas percebi que sou levado a uma reflexão profunda sobre o diálogo eterno entre arte e natureza. Ribon nos fala da pedra, que mesmo atravessada pelo tempo, não perde sua essência. Como um artista que esculpe, a natureza molda silenciosamente e lentamente, a pedra guarda em si algo que não podemos apagar ou alterar. Nela há história que sobrevive com o tempo.

2.2 JARDIM DE DENTRO E FORA

Sair andando à toa entre as plantas e os animais.

Ver as árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais apagadas.

Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas.

*Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos
ignorados¹³*

Percebo que, muitas vezes, a natureza está intrínseca na arte desde o início dos tempos, como se ambas compartilhassem uma origem comum. Mesmo nas obras mais humanas¹⁴, ela se infiltra,

¹³ Manoel de Barros, Poesias, 1947. (In Poesia Completa, 2010. p.59)

¹⁴ Nomeio como obras "humanas", aquelas que parecem não ser ou não tem o objetivo de estarem relacionadas com a natureza.

ocupa os espaços e se faz presente. Seja na madeira de uma escultura, no pigmento de uma pintura, ou no desgaste suave de um monumento que resiste ao passar dos séculos. É como se, ao criar, estivéssemos sempre dialogando com ela, mesmo que inconscientemente. O **EX** - o exterior - pode ser um templo, uma obra monumental, mas o **IN**, é o que compõe sua essência e o seu sensível.

A natureza, ao longo do tempo, parece rir de nossa pretensão de permanência, envolvendo nossas criações com suas lianas¹⁵, cobrindo o que tentamos eternizar com musgo, vento e chuva. Mas essa destruição/transformação/mudança/ação de algo que teria que ser belo e intocado até o fim. Não é um fim. É parte de uma dança, uma troca de poderes, onde arte e natureza se encontram e se reconstroem. Cada pedra que volta a ser pedra, cada árvore que cresce sobre um templo, me lembra que o ato de criar é uma colaboração com o mundo natural.

Essa interação delicada, essa aliança entre o **IN** sensível e o **EX** monumental, é onde encontro a arte e a natureza. Elas não estão em conflito; ao contrário, são duas forças que se reconhecem e se completam, unidas pela necessidade de transformação e permanência. Ao criar, estou tentando tocar esse mistério, trazer à tona o que é eterno e fugaz ao mesmo tempo. E, nesse processo, a natureza está presente, sutil como brisa de primavera e vibrante como as flores do ipê, como uma aliada silenciosa que me guia e me inspira, nos detalhes mais simples e nas profundezas mais complexas.

Mas que natureza é esta que tanto falo sem parar? Quem será esta que me inspira, que sussurra em cada folha balançando ao vento? A natureza, essa palavra que parece abranger o infinito,

¹⁵ O termo cipós ou lianas refere-se geralmente a trepadeiras lenhosas. Geralmente desenvolvem caules grossos, começam seu ciclo de vida como plântulas terrestres e são capazes de crescer na floresta madura (Gentry, 1991 apud. Engel, Fonseca, e Oliveira et. al 1998).

se estende como um manto sobre tudo o que nos rodeia, revelando-se em sua complexidade e beleza. Canton (2008),

Natureza. Uma palavra muito grande, que envolve tudo o que existe ao redor. É o grande cenário da vida - o que herdamos e o que já existia, mesmo sem a ação humana. A natureza está no Universo e é feita de água, de terra, de minérios, de vegetações. Ela é nossa moldura. É onde começa e termina a vida. (Canton, 2008. p. 07)

Com suas palavras poéticas, me lembra que é o grande cenário da vida. Como um palco onde cada ser. Cada coreografia do silêncio de flor que cai ao chão. Cada pequena fauna. Cada grande árvore. Cada elemento. Desempenham seus papéis na sinfonia da existência.

2.3 GRAMÁTICA DAS MÃOS COM A TERRA

*Meu irmão apreciava
de estar o puro entardecer
dentro de suas mãos
carregadinhas de amor
E a terra se merecia
de dar naquelas mãos até flor;
sobre a minha casa eu pousei
coberta de cantos.¹⁶*

A Land Art, mais do que uma técnica, é a expressão de um encontro, uma fusão entre o artista e o espaço que o cerca. Diferente de outras formas de arte que se encerram em si mesmas,

¹⁶ Manoel de Barros, Compêndio para uso dos pássaros, De meninos e de pássaros IX, 1960. (In Poesia Completa, 2010. p.100)

esta depende da paisagem, da terra, do vento, do tempo. Os trabalhos de Land Art não se sustentam sem o lugar que os recebe. Eles emergem do próprio território. O que é criado, então, não é uma produção isolada, mas uma extensão da natureza, uma continuação do que já existe.

Numa definição geral, Land art é uma forma de arte em que a característica mais expressiva é a relação com a paisagem. Os trabalhos de Land art possuem presença marcante no espaço e dependem da paisagem para se firmarem {...} (Sawada, 2011, p.25)

Sawada bem define que os trabalhos de Land Art possuem presença marcante no espaço. E é nisso que vejo a poesia desse movimento. A obra de Land Art só se completa quando se conecta ao solo, às pedras e ao vento. E nós, enquanto artistas e observadores, nos tornamos parte dessa criação, ao mesmo tempo em que nos deixamos ser moldados por ela.

A Land Art revela-se como um gesto íntimo entre o artista e o mundo natural, onde cada intervenção é uma conversa silenciosa com a terra. Como na poesia de Manoel, em que "meu irmão apreciava de estar o puro entardecer dentro de suas mãos carregadinhas de amor", o artista da Land Art também se coloca diante da imensidão do mundo, com as mãos abertas, não para dominar, mas para acolher e utilizar. Ele aprecia, contempla, e age apenas quando a natureza convida, como quem segura o entardecer. Se torna um momento efêmero, mas carregado de beleza e significado.

Nesse processo, "a terra se merecia de dar naquelas mãos até flor", assim como a natureza se abre ao gesto do artista, permitindo que pedras sejam movidas, troncos sejam alinhados e marcas sejam deixadas na areia ou no solo. Mas a flor que nasce nas mãos, assim como na Land Art, não é uma criação forçada, é um presente da terra, uma resposta natural ao cuidado, à escuta e à presença do artista. O artista da Land Art não impõe sua

vontade sobre o ambiente, ele reconhece os ciclos naturais, sente e escuta o vento que sussurra, a água que molda as rochas e seu sentimento, o tempo que dissolve tudo e molda estruturas. significação da obra. Segundo De Maria (apud FERREIRA at. al 2021) "O terreno não é somente um lugar, mas uma parte da obra". A possessão estética do lugar torna flutuantes as dimensões.

Cada intervenção na Land Art é um gesto que se desmancha, como a flor que nasce e murcha nas mãos amorosas do irmão. A arte não é feita para resistir, mas para se integrar ao ciclo de vida e morte da natureza. Manoel quando diz: sobre a minha casa eu pousei coberto de cantos, ele me traduz essa ideia de que a arte pode ser efêmera, mas não menos carregada de sentido. As intervenções são como um canto suave, são parte de um ritmo maior. Ritmo terroso. Música da terra. Onde cada calço. Traço. Descalço. Cada pedra movida. Cada curva no solo dialoga com o infinito.

Essa arte se funde ao tempo. Disposta como lagarto ao sol. À chuva como calango com sede. E nela o artista aceita. Como o entardecer que desaparece nas mãos do irmão de Manoel, sua criação também desaparecerá. A obra de Land Art é, portanto, uma dança. Não busca a permanência. Mas a união. O artista se torna parte do ambiente, e sua intervenção, embora transitória, reverbera pela paisagem como o som de um canto que ecoa brevemente aos ouvidos de que ali passava, então, se desfaz no vento.

Aqui, a natureza não é apenas o cenário da obra; ela é coautora, e o espaço não é apenas o local onde o artista intervém, mas o próprio corpo da criação. O artista, como na poesia de Manoel de Barros, pousa "coberto de cantos", e cada intervenção se transforma em poesia visual, onde a efemeridade se tornam força e a impermanência, uma forma de eternidade. A Land Art nos ensina a ver o mundo com olhos mais atentos, a

perceber o que é fugaz como algo precioso, e a reconhecer que, em sua própria dissolução, a arte e a natureza se encontram.

A obra torna-se uma semente, plantada no solo da natureza, esperando florescer não em um museu, mas na percepção sensível de quem a encontra. Como o entardecer nas mãos de Manoel de Barros, ela nos convida a apreciar o instante, a aceitar o fluxo do tempo e a ver na simplicidade dos gestos um profundo diálogo entre o homem e o mundo natural.

2.4 DE POESIAS CONTADAS AO GESTO MATERIAL

*Passar-se invisível pela alma da alameda de casas espaçosas
Imaginando a feição ideal dentro de cada uma!*

Ir recebendo um pouco de poesia no peito

Sem lembranças do mundo, sem começo...

Chegar ao fim sem saber que passou

Tranquilo como as casas,

Cheio de aroma como os Jardins.

Desaparecer.

Não contar nada a ninguém.

Não tentar um poema.

Nem olhar o nome na placa.

Esquecer.

Invisível, deixar apenas que a emoção perdure¹⁷

Há uma busca por uma conexão sincera, silenciosa e introspectiva com o mundo ao redor, um desejo de deixar que a natureza toque a alma sem a necessidade de se fazer notar ou capturar em palavras. Essa contemplação silenciosa é uma forma de arte em si, uma experiência e estética que transcende o

¹⁷ Manoel de Barros, *Face Imóvel, Singular, tão singular*, 1942. (In *Poesia Completa*, 2010. p.42)

visível e se instala no íntimo, sem nome, sem explicação, apenas deixando uma emoção perdurar.

Na contemporaneidade, a relação entre arte e natureza encontra eco nesse desejo de fusão, onde o artista se coloca como parte do todo natural. Essa relação não é mais apenas de admiração, mas de simbiose; o artista contemporâneo não apenas observa a natureza, mas dialoga com ela, permitindo que ela molde suas emoções e o inspire a criar. Tal como no poema, a natureza se torna uma companheira de jornada, rica em aromas, texturas e histórias que apenas o olhar sensível é capaz de captar, tornando essa conexão uma experiência profunda e eterna, enquanto o natural existe.

A relação entre arte e natureza, ousado dizer, que será eterna enquanto existir o natural. Na contemporaneidade, essa conexão ganha novas nuances, tecendo uma tapeçaria rica e complexa de significados e emoções. Os artistas contemporâneos encontram na natureza não apenas uma musa para apreciar, mas uma companheira de jornada, uma fonte de inspiração e reflexão.

Ao pensar a poética como uma relação sensível, sinto que mergulho no fluxo invisível que conecta o homem ao mundo. A poética não é apenas a expressão do que vejo, mas do que sinto e transformo em gesto. Ela é o entrelaçar do sensível ao cotidiano, um sopro que reverbera nas pequenas coisas. No vento que toca as folhas. No silêncio que habita as pedras. No movimento sutil de um rio. É esse diálogo silencioso com a natureza que me convida a pensar a poética como a essência por trás da matéria, algo que transborda o visível para se fazer sentido.

Já a materialidade surge como o tornar palpável essa relação. O sensível encontra seu corpo quando tomo nas mãos o barro. Quando recolho uma folha caída. Quando reposiciono uma pedra. Quando vejo as coreografias dos pássaros em céu azul. A materialidade, como nos lembra Moreira (2005) em sua reflexão

sobre pesquisa e criação, é o tornar concreto aquilo que antes existia apenas em intuição, em sensações dispersas. Ela nos ensina que a pesquisa artística não é apenas racionalidade, mas um campo onde o sensível e o material se fundem para criar novos modos de ver e ser no mundo.

É no toque que a poética ganha forma. No ato de criar, faço do mundo minha matéria. Sinto o pulsar da terra em minhas mãos, e nela, o sensível encontra sua expressão física. Assim como na ciência da universidade, onde a pesquisa é um caminho de criação, na arte, o sensível e o material não estão separados. Eles se encontram, coexistem e se alimentam em igual. Como artistas, criamos não apenas com o intelecto, mas com o corpo. Com a pele que sente e as mãos que moldam. É no fazer que encontramos a poética da vida, e a matéria é o que nos permite eternizá-la, mesmo que por breves instantes.

Cada gesto artístico, cada escolha de material, é uma conversa íntima entre o eu e o mundo natural. Ao me deparar com a beleza crua de um tronco, por exemplo, percebo não apenas sua forma, mas a história que carrega em suas fibras. Cascas. Fungos. O que nele está habitando. Esse tronco se torna uma extensão de mim, um elemento que ressoa com as memórias da floresta, do vento que passa e das chuvas que o moldaram. A materialidade revela-se como um testemunho do tempo. Cada nó em linha de vida da árvore, cada ranhura é uma poesia silenciosa que fala da vida que flui. Nesse processo de transformação, eu me torno um mediador, um intérprete das vozes da natureza, que se manifestam por meio do que toco, do que rearranjo.

A poética, então, penso como ponte que conecta o efêmero ao duradouro. Ponte de formigas cortadeiras antes do inverno. Ela é a sensação que permanece mesmo quando a obra desaparece, como pedra em ruína, a lembrança que ecoa na memória como um canto suave que ressoa na brisa. Na relação entre a arte e a natureza, não busco a imortalidade das formas, mas sim a sabedoria que

surge do momento de experiência. Cada obra se torna um convite à contemplação, uma semente plantada na imaginação de quem a observa. Assim, reconheço que a arte é um reflexo do que somos. Como fragmentos de vida. Interações efêmeras, mas profundamente significativas. A poética e a materialidade se entrelaçam como rabo de macaco em galho verde, formando uma ligação rica e real que me conecta ao mundo, e ao mesmo tempo, me faz parte dele.

2.5 **EU POÉTICO**

Muito sensível

Essa percepção primeiro da paisagem

dos tons

tonalidades

texturas

formatos

acho que essa paleta mesmo

que a gente passa todo dia mas não percebe,

mas tem aquele olhar

parece que é um olhar diferente

tu percebeu isso

uma delicadeza

uma poesia

mesmo quando tu traz poesia

ela é sucinta

mas diz tudo

(25-04-2021)

Nesta experiência e pesquisa de pensar minha conexão com a natureza e sua beleza poética, cito Odete Angelina Calderan, que foi uma artista e artesã brasileira, conhecida principalmente na região de Santa Catarina, onde viveu e produziu sua arte. Ela é lembrada por seu trabalho voltado para temas da natureza, utilizando materiais naturais e técnicas manuais para criar obras que transmitem uma sensibilidade poética. Calderan tinha uma visão artística que valorizava a experiência sensorial e o envolvimento com o material natural, inspirando outros artistas, professores e alunos que buscavam uma conexão mais íntima entre arte e natureza.

Ela em seu tom mais gentil e poético descreveu um de meus trabalhos com as palavras acima. Ela que se tornou poesia em nossas vidas. Ela que sempre nos ensinou a ver o mundo das pequenas coisas, ver o invisível aos olhos. Ela me fez ver o mundo com um olhar gentil e perceber essa conexão tão forte que posso ter com o todo. Sua passagem foi bela e perene, como riacho que finda na imensidão do mar.

Ela me fez lembrar que cada tonalidade e textura carrega uma história, uma essência que transcende o visível. Ao percorrer os caminhos da natureza, aprendi a valorizar os detalhes, a ouvir a sinfonia dos pássaros e a sentir a suavidade das folhas ao toque do vento. É como se, ao observar as pequenas coisas, pudesse captar a poesia que habita o cotidiano, o que se revela em um olhar atento. Essa sensibilidade se torna um convite para mergulhar na essência da vida, onde cada ser e cada elemento têm sua importância, como se dançássemos em um compasso harmônico com o universo.

Na simplicidade do gesto de observar, descubro uma riqueza infinita. A experiência de estar em sintonia com a natureza se transforma em um ato criativo, onde a poética não está apenas nas palavras, mas na conexão profunda que estabeleço com o mundo ao meu redor e com os ensinamentos que me foram passados.

Compreendo que a arte não se limita ao espaço da galeria, mas se desdobra na liberdade de um campo aberto, nas formas e cores que a terra oferece. Assim, ao criar, me faço parte dessa rede, e como Odete, busco deixar uma marca suave, uma lembrança de que, mesmo nas coisas mais discretas, reside a beleza que nos toca e transforma.

2.6 DESLOCAMENTOS DO SENSÍVEL E DO ESTÉTICO

A partir do inominado

e do insignificante

é que eu canto

O som inaugural é tatibitate e vento

Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja

seu criador coisa adejante

(Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra

até de encontro com uma palavra.)¹⁸

¹⁸ Manoel de Barros, *Compêndio para uso dos pássaros, Sabiá com as trevas XV*, 1960. (In *Poesia Completa*, 2010. p.108)

Há o sensível que surge a partir do "inominado e do insignificante", exaltando o canto que brota do que é aparentemente pequeno e sem nome. Essa criação nasce do que não pode ser definida completamente, como um som inaugural, frágil e ao mesmo tempo cheio de potência, "tatibitate e vento". Aqui, o poeta torna-se "coisa adejante", alguém que se quebra e se refaz no encontro com as palavras, transformando o insignificante em um momento de revelação. Essa fragilidade é também sua força; o poeta toca o mundo e, em retorno, é tocado pelo mundo, num ciclo contínuo de troca.

Essa ideia de um diálogo contínuo entre o sujeito e o mundo é cerne da formação do sensível. É uma interação ativa, um envolvimento onde o olhar atento e os sentidos abertos captam o que está além da superfície, revelando camadas de significado no cotidiano.

Há uma formação do sensível que emerge como um diálogo contínuo entre o sujeito e o mundo ao redor. Essa formação não ocorre de maneira passiva, mas exige um envolvimento ativo, com um olhar atento às experiências cotidianas e estéticas que moldam nossa percepção do mundo. Para Kant (1980), o saber sensível está conectado, como rios que fluem, aos nossos cinco sentidos, que nos possibilita captar o mundo externo e integrá-lo ao nosso interior. A sensibilidade funciona como uma ponte, permitindo que o mundo exterior nos toque profundamente por meio das experiências, seja na natureza ou na arte. Esse processo amplia nossa capacidade de sentir e de perceber o vento que entra pela janela, trazendo consigo os aromas do seu caminho, e nos conecta profundamente com as coisas.

A experiência exige do artista e do observador um mergulho em um cartão de percepções, uma busca que ultrapassa a superfície. Trata-se de um encontro íntimo com o que é invisível aos olhos apressados. A formação estética complementa essa jornada, oferecendo um repertório de referências e modos de ver

o mundo que ampliam nossa compreensão. Esse processo não é apenas técnico, mas transforma o olhar comum em um olhar poético, capaz de ver o mundo como uma obra em construção, como uma árvore em crescimento ou uma flor em desabrochar. Ao educarmos nossa estética, desenvolvemos a habilidade de encontrar poesia nas coisas simples: nas texturas, nas cores, nos gestos que, a princípio, podem parecer banais. Essa formação nos convida a perceber o mundo através de uma lente mais sensível, onde cada detalhe revela novas camadas de significado.

Para Honorato (2015) a concepção de experiência, desde a modernidade, configura-se como "a relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo". Nesse entendimento, a experiência se torna o espaço onde, por meio dos sentidos, o sujeito se regula, ajustando-se ao mundo ao seu redor e a si mesmo. Esse processo não é apenas uma reflexão interior, mas uma forma de interagir com o mundo de maneira profunda e sensível, onde a experiência estética e sensível atua como parceiros em uma jornada de transformação mútua. Honorato também destaca que:

No âmbito da arte, surge no prelúdio da modernidade uma terceira tradição que entende a experiência como o processo de criação artística e poética que emerge da ação do homem sobre os objetos, e essa ação imprime nos objetos as marcas do próprio homem que se vê modificado em sua subjetividade. (2015, p. 49)

Aqui, a experiência artística é mais do que uma simples criação; ela é um reflexo do próprio ser, onde o artista deixa suas marcas e, ao mesmo tempo, é transformado pelo objeto criado. Nesta tradição, a arte é componente essencial na formação humana, promovendo uma educação estética que nos faz mais conscientes e sensíveis.

No campo da educação, essa formação do sensível e do estético assume um papel fundamental, pois os professores são chamados não apenas a transmitir conhecimento, mas a despertar nos alunos a capacidade de ver o mundo de maneira plena e abrangente. A formação estética é uma ferramenta poderosa nesse

processo, oferecendo uma maneira de mediar a experiência estética com o mundo. Como observa Buoro:

[...] investidos do papel e da função de educadores em arte, uma nova dimensão acrescenta-se para nós: a da construção sensível de nossa competência para mediar outros olhares e encaminhá-los à autocompreensão e compreensão do mundo e seus mistérios. (Buoro, 2002, p.59).

Assim, o Artista Professor torna-se um mediador, orientando os alunos a perceberem além das aparências e a encontrarem sentido nos detalhes mais sutis. Quando a arte e a natureza se encontram, surgem novas possibilidades de formação sensível e estética. Essa relação não é apenas contemplativa, mas envolve uma transformação mútua. A natureza inspira o fazer artístico, enquanto o artista, por meio de suas criações, revela aspectos ocultos da natureza. Esse encontro é fluido, como areia ao soar do vento, onde o vento, a terra, as folhas e as pedras dialogam com o gesto do artista, criando uma obra em constante transformação. Na educação, essa relação ensina aos alunos a importância de estarem presentes e atentos aos ritmos da natureza e da vida, compreendendo que a beleza reside tanto no que é permanente quanto no que muda.

A estética da natureza não se encontra apenas nas paisagens grandiosas, mas também nas pequenas coisas: no brilho de uma gota de orvalho, no som suave das folhas ao vento, nas formas das nuvens que dançam no céu, na coreografia dos pássaros que adivinham a chuva. A natureza é uma professora silenciosa que nos convida a ver com mais calma, a ouvir com mais atenção, a sentir com mais profundidade. Ao educar para a arte e para a natureza, formamos indivíduos mais sensíveis, mais atentos às experiências que a vida oferece. Esse processo não se limita à sala de aula, mas se estende ao cotidiano, onde a cada momento se torna um convite à contemplação, à criação e à compreensão mais plena do mundo que habitamos.

Dessa maneira, a formação sensível e a formação estética caminham juntas, como parceiras em uma jornada de experiências. Ambas atuam em conjunto, e se alimentam do diálogo constante entre o ser humano e o mundo ao seu redor. Honorato (2015), ao discutir a experiência como base do processo criativo e da formação estética, nos mostra que é através dessa interação que o homem encontra sentido e se transforma, ampliando sua visão sobre o que é significativo. É essa relação, entre a experiência sensível e a formação estética, que possibilita uma educação mais humana, onde o conhecimento e a sensibilidade se entrelaçam, formando sujeitos mais conscientes e conectados com o mundo.

3 SERES DE JARDIM

Há um cio vegetal na voz do artista.

*Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto
de alcançar o murmúrio das águas nas folhas
das árvores.*

*Não terá mais o condão de refletir sobre as
coisas.*

Mas terá o condão de sê-las.

*Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,
passarinhos.*

*Nos restos de comida onde as moscas governam
ele achará solidão.*

*Será arrancado de dentro dele pelas palavras
a torquês.*

Sairá entorpecido de haver-se.

Sairá entorpecido e escuro.

*Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na
 barriga do cavalo -
 Vai o menino e fura de canivete a sambixuga:
 Escorre sangue escuro do cavalo.
 Palavra de um artista tem que escorrer
 substantivo escuro dele.
 Tem que chegar enferma de suas dores, de seus
 limites, de suas derrotas.
 Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de
 enxergar no olho de uma garça os perfumes
 do sol.¹⁹*

Dizer, anúncio que há além dos limites do meu próprio jardim e, ao mesmo tempo, mergulho fundo nas raízes de cada palavra plantada ao longo deste percurso. Meu processo de pesquisa é como o desabrochar de um jardim que não se limita a florescer em um só lugar; ele se espalha por campos e florestas, invade ateliês, toca o sensível das criações de Hilda e Leandro, e ecoa nas vozes dos seres artistas. Busca-se aqui entender o que é a natureza no seu mais profundo, captar a formação sensível e estética dos sujeitos imersos na arte e na educação, e analisar como cada artista se transforma na extensão do mundo natural que habita, não mais refletindo as coisas, mas sendo elas.

Há, na jornada, um cio vegetal que sussurra no artista, uma necessidade de envesgar o idioma até que ele alcance o murmúrio das folhas e das águas, como bem evocar a epígrafe: a arte exige entrega, exige que suas palavras sangrem substância escura,

¹⁹Manoel de Barros, Retrato do artista quando coisa, 3, 1998. (In Poesia Completa, 2010. p.359)

marcada pelos limites e dores de quem vê a vida entre o concreto e o poético.

Em meu caminho pelo sensível, me encontrei com Hilda Maziero e Leandro Jung, dois artistas-professores que parecem caminhar de mãos dadas com a natureza, suas vozes ecoando como o vento entre as folhas, como riachos que se movem silenciosamente, mas com força. As conversas que tivemos fluíram como correntes d'água, onde a arte e a natureza se fundiam, se tornando inseparáveis. E foi nesses diálogos que percebi que seus processos artísticos não são meras criações; são brotos que nascem da terra e encosta de rio que toma seu leito, crescendo em formas de expressão que se entrelaçam ao ambiente ao redor.

A natureza, como professora silenciosa, parece sempre estar presente nas produções, e com isso percebo que o artista, tal qual uma árvore, enraíza-se na terra, mas estende seus galhos ao desconhecido, numa busca contínua por uma síntese que transcenda o jogo das razoabilidades conceituais da consciência, como bem descreve Piorski (2016). Assim como o sol tingiu o céu de cores ao amanhecer, suas práticas refletem um entendimento profundo e estético do mundo. Nessa fusão, o fazer artístico de Hilda e Leandro se torna parte da paisagem, como se cada gesto, cada pincelada, fosse um sussurro da terra, do rio e do mar, uma canção vinda das profundezas do solo. A partir dessas trocas, entendo que a arte, quando imbuída da natureza, não é apenas contemplada, mas vivida.

3.1 HILDA MAZIERO

Neste percurso, início minha exploração de passarinho curioso, por Hilda Maziero, visitei-a em seu ateliê, seu lar, conheci o seu jardim, de mais puras ervas e plantas, lançadas ao vento de maresia. O som do mar ecoava durante nossa conversa que iniciou em frente ao jardim com o vento nos acompanhando. Seu

ateliê repleto de cores, texturas, materiais, algo que vejo traduzi-la como a artista que é.

Hilda relembra sua infância no interior, em meio às hortas, entre as cidades de Nova Veneza, Maracajá e Balneário Arroio do Silva. Ela foi uma criança curiosa, como uma passarinha, explorando e descobrindo o mundo com um olhar colorido para a terra vasta. Com os pés no lodo e as mãos na terra, notava texturas, cores e saberes, do colher ao plantar, em um jardim de avó. Esses momentos de pura conexão com o ciclo da vida – o tempo de crescer e colher – parece ter moldado sua sensibilidade artística.

As lições da terra guiam a “alma combatente, guerreira, lunar, sonhadora, solitária e gregária da criança” (Gandhy Piorski, 2016, p.14), que carrega em si a alternância sábia dos ciclos. Ela, tal como um desses “caracóis-crianças”, nos leva para dentro de nós mesmos, a dialogar com a pedra, o barro, a chuva, o vento, a madeira e com o que é minúsculo, mas, por isso, cósmico. Esses “trastes que formam aqueles poetas e poetisas” emergem na prática artística de Hilda, onde vida e natureza se entrelaçam como um só ciclo. *A vida é natureza e a natureza é vida*, ela me diz, como se esse fosse o sopro de seu processo criativo e existencial, um reflexo profundo de sua ligação com o mundo natural desde a infância.

E em frente ao seu jardim conversamos, palavras ao vento foram lançadas. O pé de manjerição que floreira e traz cor para seu quintal. Ela me diz que se um dia fosse um pé, seria um pé de manjerição. Ela me mostra uma fotografia feita por ela e me lança um pensamento de curiosidade. Na foto tinha abelhas e borboletas no quintal de sua avó, pousadas em uma flor de cebolinha, pensamos que naquele momento a flor se tornara mundo de experiências para a pequena abelha, aquele gesto efêmero de polinizar a grande flor. A flor se fez mundo. Percebemos as micro

flores dentro da grande flor, talvez fossem planejadas para as pequenas patinhas da abelha.

Ela me transporta para um lugar de simplicidade e profundidade. Cada detalhe, cada pequeno fragmento de vida carrega a beleza do efêmero. Hilda compara essa dinâmica à “constante alquimia” da criação artística e da vida. Ela vê no processo de pintar uma manifestação das camadas do tempo pela jornada emocional. O que ela escolhe dizer hoje pode ser diferente do que surgirá amanhã - tudo é fluxo. Como o rio que nunca para. Mar que coreografa suas ondas para a lua. Vento que molda as dunas à beira mar.

Hoje ela compreende e verbaliza sua relação com o mundo natural. Como ser curiosa ela busca materiais não convencionais, indo de encontro com a natureza, aproximando-se da simplicidade como forma de reconexão com a terra. Ela me relata que durante a pandemia, se voltou aos pigmentos naturais, como o carvão, e passou a ver a arte como uma maneira de resgatar as memórias do “pé no chão”, do contato com a terra. Piorski (2016) me diz que “Os pés imundos são o símbolo desse caminho do vir a ser”, penso nestes pés que calçam e enraizam um saber que vem de tempos e que te leva a vir a ser algo que quer experimentar. Os pés como raízes que tocam a terra e firmam o corpo que é vida, tragona obra “Dever Descalço” de Hilda Maziero.

Imagem 3- Hilda Maziero, Dever Descalço, materiais variados em tela, 2020.



Fonte: acervo fotográfico de Hilda Maziero.

“Que todo ser humano lembre que

É bicho gente

E de ser dever descalço

De sua animalesca natureza.

É tanto piso, é tanto asfalto,

grama sintética e sintéticos,

que meus pés estão gélidos.

-Coloca os pés na terra!

Me diz: Como?!

Por onde ando só sinto o frio do piso,

do concreto, da construção,

dos limites e da nova prisão.

Há quanto tempo ouvimos

os barulhos das máquinas?

Há quanto tempo

é abafado o barulho das matas?

Matas o que mais,

Além de ti mesmo?”

Esta obra me faz lembrar de onde eu vim, realocar e recolocar meus pés no solo, distribuir meu peso em solo que é como mãe que acolhe. Penso neste pé que aterra os saberes de algo que vem de muito tempo, saberes da terra e de todos os elementos.

Nascentes de gotas de suor escoam dos corpos de meninas e meninos que passam dias modelando panelinhas de barro para queimar e cozinhar, catando materiais, construindo bugigangas, tecendo brincadeiras. Os pés imundos são o símbolo desse caminho do vir a ser. (Piorski, 2016, p.105.)

Estes pés sujos de carvão, que é matéria viva, veio de árvore ou de dentro da terra. Penso que todos os pés estão imundos de caminhos e histórias. Trazem conosco nossa bagagem, nos carregam por todos os cantos como caracol que carrega sua concha. Suas texturas e digitais traduzem onde e como pisaram. Se era terra, areia, pedras, cascalho.

Cada elemento da natureza carrega uma efemeridade que Hilda captura em seu trabalho, onde as camadas de tinta se tornam camadas de tempo, histórias que se desdobram a partir da relação íntima com a terra e seus ciclos.

No meio desse fluxo, emerge a poesia da artista:

*"Que todo ser humano lembre que
É bicho gente
E de ser dever descalço
De sua natureza animalesca."*

Esse verso é um eco de sua própria vivência, um convite a redescobrir nossa conexão primal com o mundo natural. Para Hilda, o "dever descalço" não é apenas uma metáfora, mas uma prática cotidiana. Ela me lembra da urgência de retomar o contato direto com a terra, algo que foi sufocado pelo concreto, pelas máquinas, pela modernidade. A arte, para Hilda, é uma forma de manter essa conexão viva, um ato de resistência ao esquecimento de nossa verdadeira natureza.

A escolha por esses materiais não foi apenas uma questão estética, mas uma forma de resgatar memórias de infância, reencontrar a simplicidade perdida, de lembrar os jardins que já passou. Ao usar argila e pigmentos naturais, ela celebra o ciclo da vida, devolvendo à natureza o que é dela por direito. Sua preocupação não é apenas com o que se cria, mas com o impacto que essa criação tem no mundo. Ela reflete sobre o impacto de cada ação: enquanto a tinta sintética pode poluir, os materiais da terra se integram harmoniosamente ao ciclo natural.

Como Artista-professora ela carrega para suas aulas uma conexão profunda com a natureza, transformando essa relação em uma filosofia prática para seus alunos. Ela os convida a perceber a simplicidade dos materiais naturais e o ritmo que a natureza exige, fazendo com que o processo de criação artística se torne mais do que uma atividade técnica, mas uma jornada de autoconhecimento. Ao explorar elementos como folhas, pedras, terra e pigmentos naturais. Conduzindo seus alunos a uma reflexão sensível sobre o impacto desses materiais e a conexão emocional que podem ser estabelecidos com eles.

Honorato (2015) nos convida a uma reflexão profunda ao afirmar que "A leitura literária é uma possibilidade, na arte, de expansão da experiência do real - dos sentidos da realidade, do sentir o mundo com profundidade". Essa visão ressoa profundamente em meu entendimento do ato de criar e de ensinar arte. Porém, ousou expandi-la: vejo as aulas como um espaço de possibilidades, onde a experiência se torna uma expansão do real e o processo criativo emerge como um reflexo dos sentimentos internos, um fluxo contínuo de cada ser. Suas criações movidas pelo ritmo das águas e das emoções, ressoam esse movimento fluido que Hilda, como professora, imprime em suas práticas. Para ela, a arte é uma manifestação da alma em diálogo constante com o mundo natural, onde cada pincelada expressa a continuidade de um ciclo no qual o humano e a natureza se encontram e se misturam.

A jornada criativa, tanto para Hilda quanto para seus alunos, revela-se como uma dança entre a introspecção e a materialidade sensível que envolve a todos.

Receber a carta de Hilda Maziero foi como abrir uma janela para seu universo sensível, onde a arte e a educação se entrelaçam com a mesma fluidez das águas que movem suas criações. Ela compartilha sua visão sobre o processo de ensino e o processo criativo com uma naturalidade que reflete sua conexão íntima com a natureza e com o próprio ato de criar. Em suas palavras, percebe-se uma dificuldade em dissociar o fazer artístico do fazer pedagógico: "Percebo que sim, é difícil desassociar o modo como experienciar ou produzir arte do modo como pensar e conduzir uma aula". Para Hilda, ambos os processos partem do mesmo ponto central, uma pulsação interior que a guia tanto na sala de aula quanto no ateliê.

A criação, seja ela artística ou educacional, é uma extensão de quem Hilda é. E essa essência se reflete no seu processo de ensinar, em que busca sempre oferecer aos alunos uma experiência sensível e poética. Para Hilda, a prática de ensinar arte vai além da técnica: ela cria um ambiente onde o fazer artístico, o olhar atento e a interpretação crítica se entrelaçam, formando uma experiência completa e significativa. Essa metodologia possibilita que os alunos se apropriem de suas próprias narrativas, explorando a criação como uma extensão de sua identidade e desenvolvendo um diálogo profundo com a natureza e com a arte.

A artista também se permite aprender enquanto ensina, valorizando a troca e a exploração de diferentes formas de se relacionar com a arte. Essa abertura ao aprendizado conjunto se traduz em uma prática pedagógica que convida os alunos a experimentarem, a se conectarem com a arte de forma intuitiva, tal como ela faz em seu próprio processo criativo. Quando Hilda leva seus alunos a refletirem sobre os materiais naturais, ela

os conduz em uma jornada de autodescoberta, onde a arte não é apenas uma técnica a ser aprendida, mas uma ferramenta para explorar emoções e construir significados.

Em sua carta, Hilda compartilha que, em espaços não formais de educação, costuma apresentar suas próprias produções como ponto de partida para o processo criativo dos alunos. "Geralmente apresento uma produção de minha autoria, compartilhando o processo criativo, e, a partir dessas reflexões, os alunos criam", escreve. Este método é uma extensão de seu pensamento de que o processo criativo não é apenas um meio de expressão pessoal, mas também um meio de inspirar o outro. Ao mostrar seu processo, ela cria um solo fértil para que os alunos cultivem suas próprias ideias, plantando sementes que poderão gerar inúmeros frutos em diferentes jardins.

Percebo que o ato de educar, para Hilda, é mais do que transmitir conhecimento; é um convite a olhar para dentro, a explorar a fluidez das emoções e a se conectar consigo e com o mundo natural.

Ao observar a obra e o pensamento de Hilda Maziero, sinto que arte, ensino e natureza se entrelaçam como raízes profundas, que sustentam todo o seu processo criativo. Cada pincelada que ela traz para a sala de aula não é apenas uma técnica, mas um gesto de entrega ao fluxo da vida. Vejo como ela convida seus alunos a imergir nesse fluxo, onde o criativo se encontra com o sensível, onde a água, como em um rio, molda e transforma tudo em seu caminho. As aulas de Hilda se tornam mais que momentos de aprendizado, são espaços vivos de crescimento e transformação, onde arte e natureza dialogam em perfeita harmonia, revelando a beleza intrínseca em ambos os lados.

A forma como ela enxerga a arte e a natureza é uma declaração silenciosa de que ambas são inseparáveis. Nos materiais que ela escolhe, muitas vezes vindos diretamente da terra, e nas histórias que suas obras contam, sinto que cada produção é um

novo retrato da vida, um ciclo renovador, uma homenagem ao que é simples e passageiro. Ao observar seu processo, percebo que a natureza não é apenas inspiração, mas um personagem vivo em sua obra, presente e ativa, fazendo parte de cada criação. Nesse sentido, "o mundo material tem repercussão direta no mundo simbólico", como coloca Piorski (2016, p. 76), ao explicar que a materialidade do fazer artístico e do campo das significâncias da alma "perpassa o tato, o olfato, a audição e o paladar, alçando tais impressões sensoriais para o dinamismo dos símbolos, acordando imagens e arcaísmos do ser, comungando a vida presente com a memória longínqua das gerações." Produções que tocam o sensível de quem as vê, como reação de criança ao ver parque de aventuras.

Em cada ciclo criativo da artista, nota-se uma transformação constante, assim como as estações que renovam a paisagem. A cada nova fase, sua arte revela camadas inéditas, seja na textura da terra que ela trabalha ou nas cores que escolhe para representar os momentos de transição. O mundo natural se faz presente em cada detalhe, em cada gesto, e essa interação sensível entre arte e natureza ecoa em suas obras.

Ao acompanhar o modo como Hilda construiu sua arte, percebo o quanto ela renova seu compromisso com a terra a cada nova obra, como se sua própria essência fosse nutrida pelo ciclo contínuo da vida. E assim, para Hilda, cada pincelada é mais do que estética: é uma reafirmação do seu laço com a natureza.

3.2 LEANDRO JUNG

Encontro-me com Leandro Jung, em terreno que para ele é solo de lembranças e memórias. Fui acompanhado até seu ateliê pelo que muitas vezes é sua fonte de inspiração, o rio. Os sons dos pássaros e suas coreografias entre as árvores se fizeram presente no céu azul em plena tarde.

Leandro Jung me conta que desde criança, viveu em meio à natureza, na comunidade de Palmeira Alta em Orleans-SC respirando seu ar, moldando suas formas. O rio foi mais que cenário; foi amigo e guia. As nuvens eram brinquedos, moldes e molduras para a imaginação. Quando criança, ele fazia bonecos de argila, transformando o barro em vida, suas mãos dançando entre a criação e a matéria disponível. Sentido o poupar de diferentes texturas. Havia algo mágico na maneira como ele observava as nuvens, vendo nelas formas invisíveis aos outros, mas sempre claras em sua mente. A criatividade era um rio, fluindo livre, e ele apenas se deixava levar pela correnteza. Piorski (2016) me faz pensar que quando cochichamos com as coisas bobas, como sussurrar ao vento, Segredar com uma árvore. Somos rememorados pouco a pouco das nossas memórias mais íntimas e criancieiras, que por torvelinho de mesmices não se perdera nas mesmices de adultos. A ligação que o artista tem com o rio me rememora este sentimento de confiar na materialidade do elemento água.

Crescer perto de um rio é como crescer com um mestre silencioso. A água ensina a persistência, molda, desgasta, transforma sem pressa. Leandro aprendeu com o rio que a criação não é algo que pode ser forçado; é preciso paciência. "Eu não domino nada, a natureza que me propõe", ele diz, revelando uma entrega àquilo que a terra oferece. Para Leandro as margens do rio são seu espaço de experimentação, um palco onde o artista e a natureza se localizavam em um diálogo perene.

Quando Leandro se mudou para Laguna-SC, sua visão se expandiu. Aquela natureza que o cercava desde a infância começou a ganhar novos significados. Agora, como artista, ele não apenas brincava com a natureza, mas também questionava. Suas obras resultaram na reflexão dessa nova visão, e sua relação com o rio ganhou mais camadas. Ele não vê o rio apenas como um recurso ou algo a ser preservado, mas como uma metáfora para o próprio processo criativo. Como a água que se adaptava às formas, seu

trabalho também se moldava às situações, fluía, se adaptava. “Eu sou como a água”, ele dizia, “persistente”. E, de fato, sua arte é persistência, uma insistência em experimentar, em deixar-se surpreender pela natureza, mesmo quando o resultado não é o esperado.

A natureza nunca é uma exterioridade inerte, é a percepção que o artista tem dela jamais é neutra ou indiferente. Se este tema ou aquele motivo retém o artista, é que ele lhe parece cheio de uma carga de emoção feita de promessas de formas futuras e, estimulando sua sensibilidade, desperta o fluxo de sua imaginação errante. (Ribon, 1991, p.89)

A natureza se torna íntima em conexão sensível com Leandro, O rio além de fluir em meio a sua terra natal, estimula sua sensibilidade despertando sua imaginação criança, e lhe evoca a experimentar.

Imagem 4- Leandro Jung, Águas que não movem moinhos, 12 garrafas de 350ml de Orleans (SC), cada uma contendo a água de um mês de janeiro a dezembro de 2023.



Fonte: Acervo de Leandro Jung

Imagem 5- Leandro Jung, *Águas que não movem moinhos*, 12 garrafas de 350ml de Orleans (SC), cada uma contendo a água de um mês de janeiro a dezembro de 2023.



Fonte: Acervo de Leandro Jung

Imagem 6- Leandro Jung, *Águas que não movem moinhos*, 12 garrafas de 350ml de Orleans (SC), cada uma contendo a água de um mês de janeiro a dezembro de 2023.



Fonte: Acervo de Leandro Jung

Essas águas, que em outro tempo eram claras e vigorosas, agora estão turvas e lentas, refletindo o peso da transformação, não apenas física, mas simbólica. Jung nos coloca diante de um espelho líquido, onde vemos não apenas as águas do Rio Palmeiras, mas as marcas de um mundo que muda, que se contamina e se esquece. As garrafas não são apenas recipientes, mas testemunhos do tempo, do desgaste, das forças que atuam, invisíveis à maioria dos

olhares. Cada gota de água carrega o peso de um ciclo que se desfaz, a memória de um rio que, como tudo na vida, é moldado.

O artista, com sua percepção aguçada, transforma a diluição da água em uma narrativa visual que nos chama à reflexão. Ele não apenas observa, mas sente o movimento das águas, o pulsar da terra, o suspiro do tempo que se estanca. Como defende Honorato (2015), a imagem é um "lugar de experiência", capaz de nos atravessar de maneira sutil ou, ao contrário, penetrar profundamente e nos transformar. "Ela pode te afetar de forma a promover em ti mudanças no modo de olhares para a vida," sendo, portanto, muito mais que um objeto de contemplação, mas sim um meio de transformação sensível e poética. Em consonância com essa visão, Leandro Jung, em *Águas que não movem moinhos*, convida-nos a mergulhar nas profundezas do Rio Palmeiras, um rio que, antes vital e luminoso, agora se torna metáfora de um mundo que se esvai, mas ainda reverbera em memória e sentido.

O rio de Jung, que corre e percorre até desaguar suas forças, torna-se um símbolo da luta contra o esquecimento e da resistência diante da degradação. Ao contemplarmos essas águas, não vemos apenas a poluição que as invade; enxergamos também a ausência da vitalidade que um dia ali existiu. Jung, com seu olhar atento e sensível, transforma esse processo de perda em um momento de profunda introspecção, despertando em nós o desejo de olhar para a natureza e para as imagens com uma intensidade renovada.

Jung não nos pede para apenas olhar, mas para também ouvir o que essas águas têm a dizer. Elas falam da transformação, do tempo, da resistência e da fragilidade. Cada garrafa, cada mês, é um lembrete de que a arte tem o poder de dar voz às coisas silenciadas pela poluição do cotidiano, e que, ao permitir que o olhar detenha esses fragmentos líquidos, somos chamados a questionar nosso lugar nesse processo de transformação. A obra,

portanto, vai além do rio e se torna um espelho para a nossa própria relação com o meio ambiente e com o tempo.

O rio, para Leandro, é uma fonte inesgotável de inspiração. Ele fala do rio como quem fala de um ancestral, uma mãe que dá a vida e ensina. Sua arte está impregnada dessa memória ancestral, de um tempo em que os povos seguem os cursos d'água em busca de sustento, em busca de vida. O rio é história, é caminho, é ensinamento. E em sua prática artística, Leandro tenta devolver ao rio um pouco do que ele lhe deu. Não se trata de salvar o rio, mas de escutá-lo, de aprender com ele. "A arte proporcionou esse olhar mais sensível", ele diz, "uma educação do olhar, ver o belo em outras coisas." A paisagem não é apenas um cenário, mas um espaço vivo, cheio de histórias, de surpresas, de vida que pulsa em cada curva, em cada margem.

Essa sensibilidade que ele desenvolveu ao longo dos anos não fica restrita à sua prática artística; ela transborda para sua vida como educadora. Na sala de aula, ele traz essa conexão com a natureza, essa forma de ver o mundo como um espaço a ser explorado, como um lugar de aprendizado constante. Seus alunos, muitos deles conectados com o mar e a lagoa, trazem suas próprias experiências com a água, e Leandro os incentiva a olhar para a natureza com novos olhos, a perceber a beleza escondida nas pequenas coisas, a entender que a natureza nos surpreende, sempre.

O artista segue seu caminho pelas margens do rio, sua arte fluindo como a água, suas mãos moldando a argila, sua imaginação dando forma ao invisível. Para Merleau-Ponty (2000), o invisível, ou o espírito, não é uma realidade separada, mas o outro lado do visível, o avesso que precisa ser redescoberto em meio ao material cultural que o encobre. A cada nova criação, o artista nos convida a um olhar mais profundo, a escutar a sugestão da água, a sentir a textura da terra, e a compreender que a arte não é apenas um objeto para ser admirado. É uma

potência, de se reconectar com o essencial e de explorar dimensões sensíveis e significativas da existência.

A carta que recebo de Leandro me transporta para um espaço onde o artista e o educador não são figuras isoladas, mas partes de um mesmo movimento de criação. Ele fala da transitoriedade entre esses papéis como se fosse um rio que, ora se alarga, ora se estreita, mas nunca deixa de fluir. E, assim, a arte e o ensino se mesclam, criando uma paisagem onde o aprendizado é contínuo e vivo, como a água que vai se adaptar ao terreno.

Leandro me transmite que o educador-artista não vê a arte apenas como um fim, mas como um meio. O que ele não propõe é a reprodução mecânica de uma técnica, mas a vivência da arte como uma experiência sensível e reflexiva. Percebo que ele se torna um professor multiplicador, Honorato (2015) diz que os professores ao seu ver precisam olhar para a multiplicidade de imagens presentes nos cotidianos, e vê-los como uma potência de ação, pois imagens produzem conhecimento. Como o olhar para uma terra e ver através dela, olhar para o rio e ver nele um rio de possibilidades. Nas práticas de Leandro isso é palpável, ele não apenas transmite conceitos ou conteúdos, mas fornece uma visualização nos próprios processos criativos. Ele me fala de um movimento constante entre ensinar e aprender, entre criar e refletir. Esta reflexão me lembrou de uma frase de Piorski "Porém, retornemos ao chão. Mais poético e mais crianceiro. Portanto, mais real." Relaciono em minhas produções estas questões que se circulam, o criar, aprender e refletir, e percebo nas produções de Leandro esta memória de infância, e esta relação com o experimentar, o crianceiro.

O Rio Palmeiras, com seu curso diluído no oceano, como Leandro aponta, simboliza uma perda de voz, de força. Mas ele nos propõe um outro ponto de vista, uma proposta de "Rio Acima", em que o curso do rio se reinventa, se reconquista. Esse gesto de resgatar o rio, de dar-lhe novamente sua voz e sua dignidade,

me parece uma metáfora potente para a arte e a educação. Assim como o rio que se transforma e se reinventa, a arte também tem a capacidade de reinventar realidades, de dar novo significado ao que já foi perdido ou esquecido. A arte, portanto, tem esse poder restaurador, de devolver àquilo que foi marginalizado a sua potência, sua relevância.

E é nesse contexto que vejo minha própria pesquisa se expandir. Ao estudar a relação entre arte e natureza, percebo que, assim como o rio, a arte deve ser um espaço de fluidez, onde não apenas se expressam técnicas ou formas, mas também se criam significados.

No contexto da educação, Leandro propõe que o papel do professor artista seja também de um agente de transformação. Ele não apenas transmite conhecimento, mas gera possibilidades de criação, permitindo que os alunos experimentem como pássaros em voos pelos jardins, explorem e se conectem com o mundo de forma sensível. Relembro aqui Honorato (2015) que ressalta que a experiência não necessariamente busca um objetivo certo mas um caminho, inundado de possibilidades. E, assim, como no trabalho de um artista, o processo de ensino se torna uma obra aberta, uma construção coletiva onde cada experiência é única, mas parte de um ciclo contínuo.

"O artista trabalha com a criatividade, quando um professor se permite produzir artisticamente se torna um ser humano e um professor mais criativo. E por que não pensar em uma aula com uma obra de arte? O artista pensa a obra de arte? O professor sistematiza a aula-obra, tenho pensado nos conceitos de aula-obra, isto tem tornado os encontros mais criativos, dinâmicos, evidenciando os processos criativos, distanciando da reprodutividade técnica, trabalhando subjetividades, sem a necessidade de formar um artista na escola, o que importa para mim é a experiência."

Essa citação de Leandro me faz refletir um pensamento profundo sobre a interseção entre arte e ensino, que ao ser aplicado ao contexto de sala de aula, transforma não apenas o professor, mas também a experiência educacional. Ao considerar a arte como uma prática criativa, Leandro nos convida a refletir sobre como o professor-artista não só ensina, mas vive e manifesta a arte através do seu ensino. Ele sugere que, quando o professor se permite criar, ele não se limita ao papel tradicional de transmissor de conteúdo

Essa reflexão me faz pensar no conceito utilizado pelo artista de "aula-obra", que é profundamente transformadora. Assim como um artista pensa em sua obra, o professor pode pensar a aula como uma criação, um processo fluido e dinâmico, onde cada gesto, cada palavra, cada troca de olhar entre os alunos se torna uma parte da composição. Não se trata mais de ensinar apenas técnicas, mas de criar uma experiência sensível e subjetiva, onde o aluno é convidado a participar da construção dessa arte, sendo o processo mais importante

É nessa perspectiva que, ao trabalhar com a arte na educação, o objetivo deixa de ser formar "artistas" no sentido tradicional, mas sim, oferecer ao aluno uma experiência que desperte sua sensibilidade, sua capacidade criativa e seu olhar crítico sobre o mundo. Como Leandro aponta, não importa se o aluno se tornar ou não um artista, o que realmente importa é que ele experimente e vivencie a arte como um processo que se conecta com sua vida.

A arte não é apenas uma produção isolada, mas uma prática integrada à vida. Assim como Canton (2009) nos relembra que a arte contemporânea se torna uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte, buscando um sentido a fim de potencializar seus valores. Jung Com seu olhar atento à natureza e sua proposta de ressignificar o Rio Palmeiras, é um exemplo claro de como o artista e o educador podem criar realidades. E eu, ao me debruçar

sobre a arte e a natureza, também me vejo como parte desse movimento de transformação. Não apenas como criador, mas como alguém que, através da arte, busca dar nova voz ao mundo natural e às histórias que ele guarda.

Assim, a arte se torna não apenas um reflexo da realidade, mas uma força ativa que transforma o mundo ao seu redor. É por meio dela que podemos questionar, revisar e, quem sabe, devolver ao rio a sua vitalidade, como um gesto de reconexão com o próprio chão que pisamos. A arte e a educação, inseparáveis em sua essência, são os rios que, em seus fluxos, trazem à tona aquilo que, muitas vezes, a sociedade tenta esconder.

Ao final desse percurso, percebo que minha pesquisa é mais do que uma investigação; é um ato de pertencimento ao mundo natural, um convite ao olhar a arte como uma extensão daquilo que já vive em nós, mas que por vezes permanece encoberto. Ao dialogar com Hilda Maziero e Leandro Jung, não apenas aprofundei o entendimento sobre a influência da natureza em seus processos criativos, mas também enxerguei como suas práticas se entrelaçaram com a educação - tornando-se sementes que se espalham, germinam e transformam. Esse mergulho nas suas histórias e criações reforça meu objetivo de investigar a formação sensível e estética do artista professor, buscando entender como essa interação com o meio natural influencia suas percepções e ensinamentos.

Meu trabalho, assim, se configura como uma tentativa de reconectar a arte e a educação com o ciclo vital da natureza. Quero demonstrar que, ao nos tornarmos mais conscientes de nossa interdependência com o mundo natural, ampliamos nossa capacidade de criar, ensinar e compreender. A pesquisa não se encerra em lições fixas, mas se abre para novos desdobramentos, novas interpretações e, principalmente, novas formas de enxergar a prática artística e educacional como um elo contínuo com o que é essencial e profundo. É esse vínculo que, ao final, acredito

ser a verdadeira obra: um fazer artístico que respira e pulsa, devolvendo ao mundo a mesma vitalidade e beleza que ele generosamente oferece.

4. PROJETO DE CURSO

TÍTULO: "Natureza e Sensibilidade na Arte: Formação e Reflexão"

EMENTA: Formação estética e sensível para professores de Arte; relação entre arte e natureza; conceitos de poética, de materialidade e do sensível; formação criativa dos estudantes e o papel do professor como mediador desse processo.

CARGA HORÁRIA: 20 horas

PÚBLICO-ALVO: Professores de Arte da Educação Infantil e Ensino Fundamental

JUSTIFICATIVA: Para que os professores incentivem uma conexão profunda com o mundo natural e estimulem a sensibilidade artística em seus alunos, é essencial que eles próprios cultivem essa relação e explorem novas formas de expressão. O curso proposto busca oferecer esse espaço de transformação, inspirando os educadores a repensarem suas práticas pedagógicas e a enriquecerem seu repertório. Um dos lugares que tem as características que se alinham às ideias desta pesquisa é o Instituto Inhotim- que é um museu de arte contemporânea e jardim botânico , localizado em Brumadinho (MG), que mescla a arte e natureza no maior museu a céu aberto da América Latina ... A experiência de Inhotim, onde "arte e paisagismo se entremeiam para a criação de uma experiência conjunta e única", torna-se fundamental nessa jornada. Ao percorrer seus jardins e galerias, o público não apenas contempla obras de excelência internacional, mas participa de uma experiência que revela as infinitas possibilidades de diálogo entre arte e natureza.

Assim como Inhotim propõe uma experiência única aos visitantes, que permite a experimentação na arte em meio à paisagem, este curso visa oferecer aos professores um ambiente de reflexão e experimentação. Por meio da poética de Manoel de Barros e da

prática direta com artistas pesquisados, o professor é convidado a se aprofundar em processos criativos que se inspiram na natureza. O Instituto, com seu modelo de comissionamento e exposição permanente, demonstra a importância de se cultivar uma parceria de longo prazo com a arte e os artistas, algo que o curso também almeja ao incentivar nos educadores a criação de uma relação com a sensibilidade estética e sensível e a observação do mundo natural.

Como pontua Merleau-Ponty, em sua reflexão

A Natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é objeto específico; ela não está apresentada diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta. (Merleau-Ponty, 2000, p. 04).

Esta reflexão ressoa com a proposta do curso, que busca reconectar os professores de arte com essa essência primária e não-construída da natureza, abrindo espaço para uma vivência mais profunda e sensível.

A experiência em Inhotim fornece um contato direto com o projeto curatorial, em sua descrição ressalta que "almeja entender, por meio de documentos, material bibliográfico e registros visuais, as particularidades da coleção e suas diferentes abordagens e conceitos"²⁰. Esse mesmo espírito investigativo é levado nesta proposta de curso, buscando promover um olhar atento à influência da natureza na arte.

O curso visa promover uma formação estética e sensível para professores de Artes, inspirada na relação entre arte e natureza. A partir de oficinas práticas com artistas catarinenses contemporâneos e de uma viagem de estudo ao Inhotim. Os participantes irão explorar os conceitos de poética, materialidade e o sensível, discutindo como essas dimensões

²⁰ INHOTIM. **Arte Contemporânea**. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/institucional/arte-contemporanea/>. Acesso em: 06 nov. 2024.

impactam a formação criativa de seus alunos e o papel do professor como mediador desse processo.

OBJETIVO GERAL: Desenvolver a sensibilidade artística dos professores, incentivando uma compreensão poética e prática da relação entre arte e natureza, através de atividades formativas e de vivências em espaços de arte contemporânea.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Apreciar e dialogar sobre as produções artísticas de Hilda Maziero e Leandro Jung, refletindo sobre suas abordagens com a natureza;
- Experimentar práticas artísticas que integram elementos da natureza, promovendo um contato sensível e reflexivo com o ambiente;
- Fomentar discussões sobre como a arte e a natureza podem ser trabalhadas na prática pedagógica, estimulando a sensibilidade e a imaginação dos alunos;
- Visitar Inhotim para uma imersão em arte contemporânea, analisando como a integração entre natureza e arte pode inspirar a prática docente.

METODOLOGIA:

Oficinas Práticas com Artistas (8 horas):

Hilda Maziero e **Leandro Jung** serão convidados para realizar oficinas focadas em suas abordagens artísticas com a natureza. Os professores terão a oportunidade de explorar práticas como o uso de materiais naturais e a expressão poética na arte, criando pequenas obras inspiradas nas suas experiências e reflexões.

Discussão e Reflexão: Após cada oficina, será realizada uma roda de conversa onde os professores poderão compartilhar suas

percepções e discutir como essas experiências podem ser traduzidas para suas práticas com os alunos.

Viagem de Estudos a Inhotim (12 horas):

Exploração das Obras e Instalações: Durante a visita ao Inhotim, os participantes irão explorar obras e instalações que integram natureza e arte. A visita guiada será seguida por discussões sobre as impressões causadas pelas obras e como elas exemplificam a relação entre o ambiente natural e a criação artística.

Diário de Bordo Poético: Os professores serão incentivados a registrar suas observações em um diário de bordo poético, inspirados pela linguagem de Manoel de Barros, trazendo à tona percepções e sensações que possam ser posteriormente integradas em suas práticas pedagógicas.

5. O QUE O VENTO TROUXE

Não tenho bens de acontecimentos.

O que não sei fazer desconto nas palavras.

Entesouro frases. Por exemplo:

- *Imagens são palavras que nos faltaram*
- *Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem*
- *Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.*

Ai frases de pensar!

Pensar é uma pedreira. Estou sendo.

Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).

*Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,
retratos.*

Outras de palavras.

Poetas e tontos se compõem com palavras.²¹

Essa epígrafe de Manoel de Barros é uma chave sensível para abrir as considerações finais deste trabalho. Ela traduz, em sua essência, o que foi traçado ao longo de toda a pesquisa: a inevitável e poética relação entre arte e natureza, o poder da palavra que, ao ser ocupada pela imagem, ganha novas camadas de significado como as sutis pétalas de uma rosa. As palavras de Barros, como pedras preciosas extraídas de sua pedreira pessoal, são guardiãs de um tesouro sem igual, onde a poesia e o ser habitam juntos, num jogo contínuo entre o concreto e o sensível, entre a matéria e o poético.

Ao traçar os objetivos de compreender a formação sensível e estética dos artistas em suas relações com a natureza, encontro nessas produções um reflexo de processos naturais como destruição, sedimentação e renascimento. Cada obra de Hilda e Leandro se revela como um mapa emocional, onde os rios, as pedras e as montanhas são metáforas de estados internos, paisagens

²¹ Manoel de Barros, *O guardador de água, Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada I*, 1989. (In *Poesia Completa*, 2010. p.263)

psíquicas que se tornam visíveis através de cores, texturas e formas. Aqui, a materialidade do mundo físico se transforma em poética, e a imagem ocupa, como Barros diria, o lugar da palavra.

Ao olhar para o trajeto desta pesquisa, sinto que a conexão entre os artistas pesquisados e a natureza vai além de uma simples representação visual. É, na verdade, uma imersão profunda em territórios desconhecidos, geográficos e mentais, que, ao serem explorados, revelam não apenas paisagens externas, mas também camadas internas do ser. O que Hilda Maziero chama de "geografias de dentro" é o retrato dessa viagem ao interior, onde as montanhas e os mares não são apenas formas físicas, mas metáforas de estados emocionais e espirituais. Sua obra "Água Mole em Pedra Dura", com suas pinceladas carregadas de diferentes materiais, fala das transformações lentas e persistentes que tanto o ser quanto a pedra sofrem ao longo do tempo - um processo de erosão que é, ao mesmo tempo, poético e físico.

Leandro Jung, por sua vez, ao traçar o percurso do Rio Palmeiras até o oceano em sua obra "Rastro de contaminação: rio - oceano", nos lembra que a vida é um fluxo contínuo, um movimento incessante da fonte até o destino, tal qual os rios correm para o mar. Esse movimento é também uma metáfora para o processo artístico, que flui e se transforma, levando consigo as memórias dos territórios por onde passa. O uso de pigmentos terrosos em suas obras, como na série "Terras", conecta o artista diretamente à materialidade do mundo natural, reforçando a ideia de que a arte não é apenas uma criação mental, mas uma composição de materiais que dialogam diretamente com a terra, com as rochas, com a água.

Ambos os artistas, Hilda e Leandro, constroem suas obras a partir dessa íntima e sensível conexão com a natureza, onde o processo criativo se assemelha ao próprio ciclo natural: erosão, sedimentação e transformação. As paisagens que emergem de suas criações não são apenas representações do mundo externo, mas são

também registros do movimento interno, paisagens psíquicas que se manifestam através de cores, texturas e formas.

Como Manoel de Barros (2010) sugere, a poesia é a ocupação da palavra pela imagem e, ao mesmo tempo, a ocupação da imagem pelo ser. É nesse jogo de ocupação que a arte de Hilda e Leandro habita, onde as fronteiras entre o ser humano e a natureza se dissolvem, onde o sensível e o material se encontram em harmonia. As pinturas, fotografias e instalações de ambos os artistas não são apenas obras de arte, vejo mapas emocionais, traços de um caminho percorrido entre o exterior e o interior, entre o mundo natural e o universo sensível.

Revisitar o problema e os objetivos deste estudo é perceber que minha jornada com Hilda Maziero e Leandro Jung não foi apenas uma exploração do mundo externo, mas também uma travessia por paisagens internacionais - aquelas "geografias de dentro" que revelam sentidos que transcendem a imagem e a matéria. Através de suas obras, tanto Hilda quanto Leandro nos conduzem por territórios onde a natureza não é apenas uma inspiração, mas uma parte viva e pulsante de suas produções.

Ao finalizar esta pesquisa, fica claro que essa relação entre arte e natureza não pode ser separada. Ela é intrínseca, vital, tanto na obra dos artistas como no próprio processo criativo. A arte, como um rio, molda e é moldada pelas paisagens que encontra, carregando consigo fragmentos de terra, rocha, água, lembranças e sentimentos. E assim como a água desgasta a pedra lentamente, a arte também vai esculpindo, de forma sutil, o ser humano, transformando-o, renovando-o, conectando-o.

Concluo este trabalho com a certeza de que o trajeto entre o mundo físico e o sensível é fluido, como a própria criação artística. A relação entre o ser e a natureza não é algo estático, mas uma dança contínua de erosão e criação, de destruição e renascimento. Cada aula e cada produção de arte é uma camada a mais nesse processo, cada pintura, cada ser tocado,

uma paisagem sensível nos convida a refletir sobre nossa própria relação com o mundo ao nosso redor.

Assim, termino este estudo não com um ponto final, mas com um convite para que continuemos a percorrer esse trajeto, tanto na arte quanto na vida. Que sigamos os rastros dos rios, as marcas deixadas pela erosão nas pedras, as sombras das montanhas que se refletem nas águas. Que possamos, como poetas e tontos, compor nossas vidas com palavras, imagens e sensações, mantendo sempre viva essa conexão sensível e poética com a natureza. Afinal, como Manoel de Barros nos lembra, pensar é uma pedreira, e é nessa pedreira que encontramos as palavras que nos faltaram, as imagens que nos completam.

6. REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**. a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CANTON, Katia. **Natureza: olhar de artista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- CATUNDA, Leda. **Depoimento: Pintura e Paisagem**. [http : //www.l.com.br /portu /depo2 .asp?flg_Lingua =1 &co=44](http://www.l.com.br/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&co=44) . Acesso em 13 de outubro de 2024.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017.
- ENGEL, Vera Lex; FONSECA, Renata Cristina Batista; OLIVEIRA, Renata Evangelista de. **Ecologia de cipós e manejo de fragmentos florestais** . Série Técnica IPEF, v. 32, pág. 43-64, dez. 1998.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de J. G. Heck. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias Cartográficas na formação de professores e professoras de artes espaços do possível: espaços do possível**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.
- MERLEAU-PONTY, M. **A natureza: notas: curso no Collège de France**. Texto estabelecido e anotado por Dominique Séglaard; tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes. (Tópicos). 2000.

PEREC, Georges. **Aproximações de que?** In: **L'infra0ordinaire**. Paris: Le Seuil, Bollati Boringhieri,. 1994

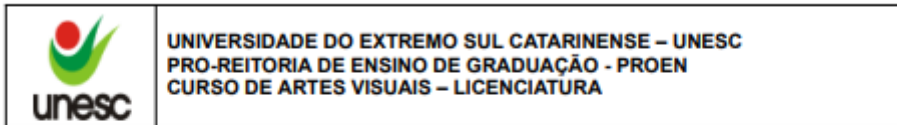
PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão** : a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RIBON, Michel. **Arte e natureza**. São Paulo: Papirus, 2018.

SAWADA, Nathalia Hatsue. **Land Art**: um estudo sobre as origens da Land Art e seus desdobramentos. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marta Enokibara.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte**: um paralelo entre arte e ciência/ Silvio Zamboni- 4 ed. revista; Campinas, SP. : Autores Associados, 2012- (Coleção polêmicas do nosso tempo; 59)

7. ANEXOS: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO



AUTORIZAÇÃO DO USO DE FALA E ESCRITA

Eu, Hilda Karolini Maziero, Artista Visual, inscrita no CPF sob o nº 097.375.999-26, autorizo, de forma expressa, o uso de minha fala e de minha escrita, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Thyago Costa Medeiros do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof. Aurélia Regina de Souza Honorato para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: Balneário Arroio do Silva, 06 de novembro de 2024.

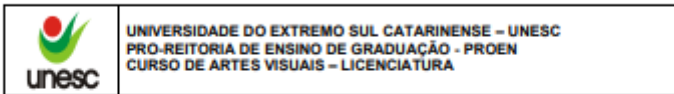


Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

Hilda Maziero

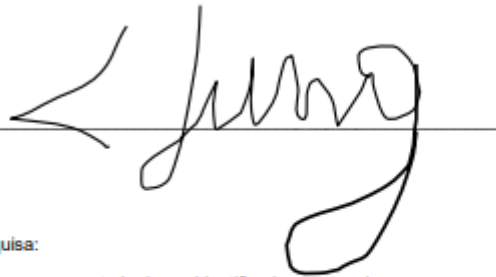
**AUTORIZAÇÃO DO USO DE FALA E ESCRITA**

Eu, **Leandro Jung** (PROFISSÃO), **artista e professor** inscrito(a) no CPF sob o nº **070.938.589-70**, autorizo, de forma expressa, o uso de minha fala e de minha escrita, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Thyago Costa Medeiros do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da Prof. Aurélla Regina de Souza Honorato para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Laguna (SC), 05 de novembro de 2024

Assinatura:



Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

Leandro Jung

8. APÊNDICES: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Agradecer a acolhida e o tempo de entrevista;

Introduzir para o artista a pesquisa: Arte e Natureza, Concepção de arte, Arte contemporânea, Formação estética, Educação, Experiências, Artista, Produção Artística;

Referências: Katia Canton, Manoel de Barros, Michel Ribon, Fernando Cocchiarale..

Perguntas ao artista:

INFÂNCIA

Vamos iniciar pela infância, você pode me contar como foi?

Já teria relação com a natureza? Lembra onde iniciou ou o porquê?

Como que era esta natureza?

Vou ler uma poesia de Manoel de Barros e farei uma pergunta: "As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul Que nem uma criança que você olha de ave."

Quando criança, como era o seu olhar para o mundo?

Qual cor?

Um pé de quê?

Brinquedos de chão-

"Os quatro elementos habitam a imaginação, são um código de expressão da vida imaginária.

Imaginar pelo fogo é criar imagens e narrativas quentes, calóricas, agitadas, guerreiras, apaixonadas, acolhedoras (se fogo íntimo) e amorosas. Imaginar pela água faz vicejar uma corporeidade fluida, entregue, emocional, saudosa e até melancólica, cheia de sentimentos, lacrimosa pela alegria ou pela saudade. Imaginar pelo ar é construir uma materialidade das "levezas, da suspensão, dos voos, fazer brinquedos expansivos, com coisas leves, penas, setas, sublimações do brincar, Imaginar pela terra é fazer coisinhas enraizadas no mundo, na vida social, no interior das formas, buracos, miniaturas, esconderijos, numa busca pela estrutura da natureza."

Brinquedos?

Elementos?

HOJE

Como você se define hoje como artista?

Como você define sua arte?

Qual a sua relação hoje com a natureza?

Materialidade e/ou poética?

"Natureza. Uma palavra muito grande, que envolve tudo o que existe ao redor. É o grande cenário da vida - o que herdamos e o que já existia, mesmo sem a ação humana. A natureza está no Universo e é feita de água, de terra, de minérios, de vegetações. Ela é nossa moldura. É onde começa e termina a vida. Mas o que ela representa? Onde principia? Como a paisagem espelha e reflete nosso olhar, nosso sentir, nosso pensar?"

Natureza Olhar de Artista- Katia Canton

Como sua arte se relaciona com a natureza e porque? Escolha ou acaso?

Qual a relação de suas produções com a atuação como professores de arte?

Cor do seu olhar para o mundo e para a arte?